

**DE MENINA A MULHER: UM ENSAIO SOBRE O ENIGMA DA
FEMINILIDADE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Viviane Carla Dall’Agnol

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento**

Porto Alegre, março de 2005

“Queridas unhas róseas... bocas de úmida, fresca avidez, de onde todas as notas, loucas, querem fugir de uma só vez... Olhinhos de água tão pura que nada há que os espante... Sensível narina aflante... Inquieta mão que procura... Indeciso quadril, mas já com aquele fêmeo encanta... Sobrancelhinhas: um veludo... Orelhas, dedinhos... Ah, nem queiras saber tudo quanto elas prometem à vida...” (Quintana, 1999, p. 99 – As Meninazinhas).

“Desde que nasce, o discurso social fundamentando-se na diferença anatômica dos sexos atribui à menina uma primeira identidade sexual: ‘é uma mulher’. Ao longo da infância, ouve, com grande expectativa, a mãe dizer: ‘Quando você for uma mulher’, não sabendo exatamente o que a espera. Na puberdade, ela ainda escutará ‘Agora, você é uma mulher’, mas ela ainda não encontrará uma referência para sua identidade feminina. A filha terá de percorrer todo um caminho para que essa atribuição ‘é uma mulher’ faça sentido para ela” (Zalberg, 2003, p. 180).

AGRADECIMENTOS

A pesquisa de mestrado aqui desenvolvida demandou um envolvimento de no mínimo dois anos. Durante esse período, o afastamento de pessoas queridas foi necessário, ao mesmo tempo em que novos enlacs foram sendo realizados. Agradeço, assim, nominalmente:

- Ao Professor, Dr. José Luiz Caon, pela oportunidade oferecida e pela sua inusitada direção de minha pesquisa.
- Ao Professor, Dr. Cesar Piccinini, pela acolhida e pelo respeito ao meu método de trabalho, assim como a atenção dispensada às dificuldades burocráticas.
- Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da UFRGS pelas devoluções que oportunizaram meu crescimento.
- À Secretária do PPG, Margareth, pelos constantes esclarecimentos sobre as exigências burocráticas.
- A cada membro da banca examinadora, pela sensibilidade com que acolheu o projeto, individualmente agradeço:
 - À Dra. Rita Lopes, pela colaboração e pelas palavras sinceras.
 - À Dra. Marta D'Agord, pela alteridade consistente nos momentos difíceis.
 - Ao Dr. Mario Fleig, pela escuta pontual e implacável.
- Sou grata, aos meus queridos amigos, colegas e alteridades indispensáveis:
 - Adriane Chittó, pelo incentivo e pelo acompanhamento da pesquisa.
 - Viviane Silveira, pela acolhida ao grupo de pesquisa psicanalítica.
 - Isac Nikos Iribarry, pelo entusiasmo e pelas interrogações inspiradoras.
 - Luís Fernando B. Barth, pela palavra sempre cuidadosa, precisa e de efeito: uma alteridade rara e admirável.
 - Marisa Gabardo, pela disponibilidade em escutar as minhas palavras sobre a pesquisa, e pela sua curiosidade que levavam a reflexões.
 - Samile Bossardi, pelas infindáveis trocas, pela capacidade de absorver e devolver cada texto, cada dito com uma colaboração preciosa.
 - Fabiana Diaz, pela precisão e pelo interesse dispensados desde o primeiro texto que chegou às suas mãos.
- Aos meus pais, José e Laura, pelo apoio oferecido a cada projeto que elaboro.
- E, ao meu querido esposo, Alvemar Freitas, pela transmissão da palavra acolhedora e firme.

Para
Honorina, Laura e Flávia.

SUMÁRIO

Resumo	07
Abstract	08
I – Introdução	09
1.1 – Apresentação	09
1.2 – Ressurgência	11
1.3 – Descobertas Psicanalíticas	11
1.3.1 – Os três tempos do complexo de Édipo e a constituição psíquica da criança	21
1.4 – A especificidade da constituição feminina: amar é dar o que não se tem	27
1.4.1 – A ressurgência na adolescência	38
1.5 – A proposta	43
1.6 – Considerações sobre o método	45
1.6.1 – Os princípios da pesquisa psicanalítica	46
II – Método	51
2.1 – A fonte de dados: sujeitos e participantes	51
2.2 – Instrumentos e procedimento para coleta de dados	52
2.3 – Procedimento para a análise dos dados e a construção do caso	54
III – Resultados: Construção do Caso	55
3.1 – O encontro com Helena	55
3.2 – O princípio	56
3.3 – Como Helena se apresenta	57
3.4 – O tratamento	57
3.4.1 – Um pouco mais sobre a mãe	59
3.4.2 – A reação de Helena	60
3.4.3 – O questionamento de Helena	60
3.4.4 – Uma parada para o silêncio	61
3.4.5 – A descoberta do sujeito	62
3.5 – O seguimento da análise	62

IV – Discussão dos Resultados: Ensaio Metapsicológico	64
4.1 – Ensaio de menina	64
4.2 – Um significante: Sua	66
4.3 – Onde está o pai?	66
4.4 – A morte no lugar da lei: um primeiro passo para a separação	67
4.5 – A manha de Helena: um tropeço, um outro passo em direção a separação	69
4.6 – A análise e a indicação de um caminho possível para a feminilidade de Helena	71
4.7 – A autorização	73
4.8 – Considerações: a menina, a mulher e o enigma feminilidade na clínica psicanalítica	73
4.9 - Algumas palavras para o término	75
Referências	77

RESUMO

A presente pesquisa apresenta o dado clínico relativo à feminilidade, mais especificamente, à construção do ser feminino diante do seu enigma. Questiona-se o que pode ser apontado sobre a construção da feminilidade na menina, considerando a relação específica mãe e filha. Propõe-se que os momentos de ressurgência, vocábulo que se torna constructo ao final do trabalho, possibilita o reinventar e o exercer a feminilidade. Para tanto utiliza-se o referencial psicanalítico freudiano e lacaniano, especificamente ao que diz respeito as operações de alienação e separação. O método de pesquisa é o psicanalítico, o qual leva em conta as formações do inconsciente, decorrente dos processos de serendipidade, do solipsismo metodológico e de alteridade. Na pesquisa psicanalítica emprega-se a construção do caso como forma de comunicar os achados da pesquisa, assim como lança-se mão do ensaio metapsicológico para discutir os resultados. Durante a construção do caso verifica-se a operação de separação, de Helena, do Outro materno, durante o processo de análise, o qual possibilitou a menina em ressurgência apropriar-se e assumir o curso de seu desejo. A análise, desta forma, proporciona a menina em ressurgência o ensejo de ser diferente de sua mãe e não uma reprodução. Esta inviável, levando em conta que uma mulher feminina é única e por isso não há como reproduzi-la. Aponta-se, assim, a importância da separação entre mãe e filha para que a segunda possa ser sujeito do seu desejo e, conseqüentemente, autorizar-se a reinventar e a exercer a feminilidade, sendo a ressurgência um momento facilitador para tornar-se uma mulher feminina. Nesse sentido o tratamento analítico aponta o enigma de cada mulher feminina, mas não o revela, pois nesta há sempre algo a ser dito de maneira muito particular.

ABSTRACT

The present piece of research shows clinical data referring to femininity and, more specifically, to the construction of the feminine being before its enigma. Questions are often raised on what can be done for the construction of femininity in girls, taking into consideration the specific mother-daughter relation. Resurgence moments, a word that becomes construct at the end of the research, allow to reinvent and exercise femininity. To this end, the Freudian and Lacanian psychoanalytic reference is cited, specifically concerning the operations of alienation and separation. The research method is the psychoanalytic, which takes into account the formation of the unconscious mind resulting from the processes of serendipity, solipsism, and alterity. In the psychoanalytic research, the construction of the case is employed as a way to communicate the findings of the research, as well as the metapsychological trial to discuss the results. During the construction of the case, Helena's separation from the maternal Other one takes place during the process of analysis, enabling the girl in resurgence to take over the course of her desire. This way, the analysis offers the girl in resurgence the opportunity to be different from her mother and not a reproduction. Such a reproduction is unfeasible, taking into account that a feminine woman is unique and therefore cannot be reproduced. Emphasis is thus placed on the importance of the separation from mother to daughter so that the second one may be the subject of her desire and, consequently, authorize herself to reinvent and exercise her femininity, the resurgence being a facilitator for her to become a feminine woman. In this sense, the analytic treatment shows the enigma of each feminine woman, although without revealing it, as in her there is always to be said in a very particular way.

I – INTRODUÇÃO

1.1 – Apresentação

Uma produção científica, pautada pelo método da pesquisa psicanalítica, busca contribuir com achados realizados durante uma experiência, no sentido alemão do termo *Erfahrung*, a saber, um processo de escuta que ainda não havia se transformado em questão. Esta pesquisa, portanto, vem apresentar o dado clínico relativo à feminilidade, mais especificamente à construção do ser feminino diante do seu enigma colocado desde o seu nascimento. O nascimento de um bebê que se apresenta como menina. Dado esse que é analisado a partir da alienação e da separação com a mãe, no momento de ressurgência.

De início, chama-se a atenção para a transformação que a autora propôs a partir dos apontamentos das alteridades desta pesquisa, mais especificamente da banca examinadora do projeto. Por ser uma pesquisa psicanalítica, não se trata de uma mudança de nomes, mas do reconhecimento de um novo sentido e do encaminhamento ao significante encontrado, qual seja, enigma. O título ‘De menina a mulher: o desdobramento da feminilidade na clínica psicanalítica’ foi reformulado, assim como os vocábulos des-envolvimento e des-amarrar-se foram abandonados em virtude de realmente a autora da pesquisa não considerar a feminilidade como algo que está pronto, mas um enigma que pode ser construído, revelado e, portanto, atravessado no tratamento analítico.

A feminilidade é um tema discutido em alguns grupos de trabalhos e pesquisas que dirigem as investigações a partir de sintomas específicos, tais como depressão, abuso sexual e maternidade. Esta pesquisa, ao contrário, tem o interesse de dar continuidade ao que os autores psicanalíticos, principalmente Sigmund Freud e Jacques Lacan apresentaram como alternativas para a construção da feminilidade na mulher.

Talvez o leitor imediatamente questione o referencial teórico escolhido. Mas, a escolha desses autores deve-se à contribuição valiosa que ofereceram ao elaborar uma teoria do funcionamento psíquico. Salienta-se, desta maneira, que mesmo sendo considerado por muitos como um autor que valoriza o masculino, Sigmund Freud foi um dos, senão o primeiro, a colocar-se numa posição de ouvir as queixas de suas pacientes mulheres. Freud é um autor que propiciou que as falas femininas se colocassem de forma diferenciada, levando suas pacientes histéricas a sério. Assim, a

escuta oferecida a essas pacientes parece ter contribuído com a possibilidade de libertação das mulheres. Não somente uma libertação de direitos, pois isso não está abarcado nessa pesquisa, mas antes disso uma libertação do próprio sofrimento psíquico. E, ao reconhecer suas limitações frente ao ser feminino afirma: “Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou dirijam-se aos poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes” (Freud, 1933a/1994, p. 134). Desta forma, Freud não encerra a questão, mas a faz.

Ao que se refere a Jacques Lacan, este, seguindo o caminho do primeiro psicanalista, veio oferecer uma contribuição importante sobre a teoria falocêntrica defendida desde o princípio da psicanálise. É possível considerar que Lacan colaborou – a partir do segundo entendimento freudiano relativo, ao psiquismo feminino, qual seja a ligação diferenciada entre a mãe e a filha – com um entendimento mais específico e consistente sobre o feminino, independentemente do gênero do sujeito em questão. Nesta pesquisa, entretanto, trabalha-se, especificamente, com o sujeito do gênero feminino, identificando e trabalhando as questões relativas à particularidade que tem a experiência de alienação e separação entre mãe e filha na construção da feminilidade.

A dissertação apresentada é composta de quatro partes. A primeira, denominada introdução, abarca a proposta de trabalho, bem como o referencial teórico escolhido, apontando a contribuição de alguns autores que estudaram a feminilidade. O segundo apresenta o método utilizado para a realização dessa pesquisa: qual seja o método psicanalítico, no qual é desenvolvida uma contribuição sobre a conceituação de participantes e de sujeitos, bem como sobre o relato e a construção do caso. A terceira e quarta partes abarcam, respectivamente, a construção do caso e a discussão dos resultados que é o ensaio sobre o enigma da feminilidade a partir da alienação e separação mãe e filha.

A questão elaborada para a investigação pode ser assim apresentada: O que pode ser apontado sobre a construção da feminilidade na menina, considerando a relação específica mãe e filha? O caminho seguido para encontrar um achado é a relação da menina ressurgente com sua mãe, considerando que esse momento é propício e exige uma descoberta própria.

1.2 – Ressurgência

Ao realizar uma pesquisa psicanalítica é necessário, muitas vezes, analisar vocábulos que possuem um significado muito particular como o que será utilizado nesta pesquisa com a palavra ressurgência. Ressurgência, segundo Houaiss (2001), na sua segunda acepção, refere-se às águas de um rio que, depois de se tornarem subterrâneas, em parte de seu curso, reaparecem na superfície do solo.

A ressurgência, desta forma, não vem caracterizar um período de vida específico como a adolescência, mas pode ser um dos momentos de ressurgência e, por que não dizer, talvez o primeiro. Desta maneira, a autora prescindiu do termo adolescência adotando um vocábulo mais robusto que viesse transparecer não uma etapa exclusiva do desenvolvimento, mas que pudesse ser levado em consideração mesmo depois da idade cronológica adolescente.

O que ocorre na adolescência também é uma ressurgência; então, pode-se afirmar que a primeira contém a segunda, mas não é verdadeira a relação contrária. Entretanto, nesta pesquisa perceber-se-á que a ressurgência da adolescência será mais enfocada do que qualquer outra, levando em conta as águas da sexualidade, que estavam soterradas durante o período de latência, reaparecerem intensamente, apontando o surgimento do enigma ainda a ser construído, talvez decifrado e, possivelmente articulado.

A ressurgência, desta maneira, somente ocorrerá a partir do momento em que a menina transpuser a latência. Isto porque para que algum conteúdo surja novamente, este deverá ter adormecido e permanecido encoberto, ou seja, que tenha sofrido a ação do recalçamento. Assim, a ressurgência, necessariamente, pressupõe a latência.

1.3 – Descobertas psicanalíticas

Como declarava Freud (1917/1976), o pesquisador realiza suas descobertas mais de uma vez, e nunca de uma só vez. Acrescenta-se a esse dizer, que os achados, muitas vezes, estão diante do pesquisador, mas ele não os percebe. Sigmund Freud, no início dos seus escritos, apresenta vários casos clínicos com o objetivo de elaborar uma teoria do funcionamento do aparelho psíquico. Ao reler esses casos, foi possível identificar um dado não muito apreciado pelo autor naquela época, mas que pode servir de reflexão e mais, uma contribuição preciosa para essa pesquisa que trata da feminilidade

a partir da alienação e separação mãe-filha. Apontam-se os fatos clínicos a partir de alguns casos que Freud relatou e deixou de herança.

Freud (1892-93/1990) escreve no artigo “Um caso de cura pelo hipnotismo”, sobre uma paciente com dificuldade em amamentar seus três filhos. O primeiro, depois de derrotadas tentativas, foi alimentado por uma ama-de-leite, mas, diante do mesmo sintoma, quando do nascimento do segundo filho, Freud é chamado para escutar essa mulher. Nessa época, Freud ainda utilizava o hipnotismo, e, diante do relatado da paciente, o analista sugere que ela reclame seus direitos de ser alimentada para que possa vir a fazer o mesmo com seu filho. Essa reivindicação dirigiu-se especificamente à mãe, o que ela não tinha o hábito de fazer. Após essa reclamação materna, a paciente começa a amamentar seu segundo filho. Esse fato vem repetir-se novamente quando nasce o terceiro filho e, mais uma vez, Freud é chamado para tratá-la, obtendo o resultado do alívio do sintoma, tocando no ponto mais importante, significativo da relação mãe e filha.

Outro artigo, muito conhecido e que apresenta mais fatos referentes à relação mãe e filha é o ‘Estudos sobre histeria’, especialmente nos casos da Sra. Emmy von N., Miss Lucy R. e Elisabeth Von R.. No primeiro – Sra. Emmy von N. – Freud (1893-95/1995) relata que “A paciente recebeu uma educação cuidadosa, mas sob a disciplina rígida de uma mãe excessivamente enérgica e severa” (p.83), um dos fatores que contribuiu para a diversidade de sintomas que apresentava, especialmente o estalido com a boca. Neste caso, também é possível verificar que há indícios de uma relação conflituosa entre a paciente, sua mãe e suas duas filhas. A essas atribuíam às causas de sua doença. As filhas, por sua vez, principalmente a mais velha, era alvo da mesma sintomatologia da mãe, tendo um prognóstico não favorável do próprio Freud. A Sra. Emmy von N. por vezes abriu mão da escolha de um parceiro, depois de viúva, em favor das filhas, o que na discussão do caso Freud leva em consideração para o sofrimento psíquico da paciente. Por fim, é relatado que a filha mais velha recorre a Freud para que este possa ajudá-la, pois sua mãe havia brigado com ela e com a irmã, não as ajudando mais em suas dificuldades financeiras. Diante do que Freud encerra seu texto “A filha que me escreveu se formara em medicina e estava casada” (p. 133).

Miss Lucy R., outra paciente, ao procurar Freud sofria de uma insensibilidade do olfato, apesar de sentir algumas sensações olfativas subjetivas, como relata Freud (1893-95/1995). A paciente cuidava de duas crianças que haviam perdido a mãe há

algum tempo, e a quem Miss Lucy havia prometido dedicar-se. Entretanto, diante de um desentendimento com os outros empregados da casa, a paciente resolveu que iria embora, quebrando sua promessa de ocupar o lugar da mãe para aquelas duas meninas. O seu sintoma de sentir um cheiro de pudim queimado é desencadeado por uma carta que recebe de sua mãe, a qual as duas meninas não a deixaram ler, justificando que leria somente no seu aniversário, motivo provável do recebimento da carta.

O caso da Srta. Elisabeth von R. também apresenta dados relativos à relação mãe e filha e também referentes às suas outras duas irmãs mais velhas. A paciente sofria de dores nas pernas e tinha dificuldade em andar. Segundo relato feito por Freud (1893-95/1995) ela era ternamente ligada aos pais e devotada à família, “colocava em primeiro lugar a mãe e as irmãs mais velhas” (p. 166). Sua mãe era perturbada por uma afecção dos olhos, bem como por estados nervosos, o que a fez aproximar-se do pai, o qual a colocava no lugar de um filho e amigo com quem podia trocar idéias. A Srta. Elisabeth era uma moça com características particulares, diferentes aos esperados para uma moça, pois possuía opiniões formadas, estimuladas por seu pai. Freud afirmava que “ela se sentia, de fato, muito descontente por ser mulher” (p.165). A paciente tem uma piora dos seus sintomas dois anos após a morte do pai, decorrente de uma afecção crônica do coração. Após esse acontecimento, a paciente procura responsabilizar-se pela reorganização familiar, dedicando-se aos cuidados com a saúde de sua mãe que, também, havia piorado e ao trabalho de substituir a felicidade perdida depois da morte do pai. Entretanto, sua irmã mais velha, veio casar-se com um homem de grande futuro, excêntrico, a quem sua esposa não contrariava. A Srta. Elisabeth não consegue “perdoar a irmã casada pela complacência feminina com que sempre evitava tomar partido” (p.167). A mudança da irmã mais velha para outra cidade fez com que a paciente sentisse “de maneira intensa seu desamparo, sua incapacidade de proporcionar à mãe um substituto pela felicidade que perdera e a impossibilidade de levar a cabo a intenção que tivera quando da morte do pai” (p. 167). Elisabeth, entretanto, começou a ter uma nova percepção sobre o matrimônio quando do casamento da sua segunda irmã, a qual teve um filho e permaneceu residindo perto da família de origem. Esta irmã, porém, vem a sucumbir de uma doença cardíaca agravada pela segunda gravidez, fato este que leva à exacerbação da sintomatologia da Srta. Elisabeth, pois apaixonou-se pelo marido da irmã morta. Havia, portanto, um desejo de ser uma mulher, o qual

estava soterrado pela necessidade de agradar a mãe e as irmãs. A análise desta forma permite que a Srta. Elisabeth encontre o seu homem e não o de outra mulher.

Esses casos, resumidamente destacados, foram escolhidos por apresentarem dados que favorecem uma outra leitura da obra freudiana, para além da constituição psíquica, a saber, sobre a feminilidade, considerando a relação mãe e filha. O autor nos apresenta casos que possuem em comum a sintomatologia histérica ligada a algum acontecimento passado e a um desejo ainda não realizado. Sutilmente Freud (1892-93/1990 e 1893-95/1995) aponta a inserção da mãe na vida da filha. No caso da mulher que não podia amamentar era algo que se passava entre aquela que não a supria, não a alimentava e, desta forma, ela (filha) não supunha nenhuma outra maneira de dar o que não recebia. Nos outros casos apresentados nos estudos sobre histeria, percebe-se, por exemplo, na Sra. Emmy von N., o difícil estabelecimento de uma relação a partir da qual cada uma pode ter o seu objeto de desejo. A paciente, mãe de duas meninas, acaba por sucumbir à doença quando quem precisa de prioridade é a filha – o silêncio para dormir. Também a Sra. Emmy von N. depositava nas filhas a responsabilidade da perda do marido, pois as meninas demandavam muita atenção na época do adoecimento do esposo. Miss Lucy e a Srta. Elisabeth von R., outrossim, possuíam mães adoentadas. Uma, porém, havia conseguido cuidar de sua própria vida, trabalhando como governanta e se responsabilizando pelos cuidados maternos de duas meninas. Além do desejo que sentiu por seu patrão, o que mais pode ser identificado em Miss Lucy é a afeição que possui pelas meninas o que a fez transpor a barreira do seu desejo, escolhendo as filhas de sua ex-patroa.

A Srta. Elisabeth, por sua vez, passa grande parte de sua vida a anular-se como um sujeito feminino desejante, primeiramente cuidando das mulheres da casa (mãe e irmãs), colocando-se num lugar de extrema potência, a qual vê cair quando do falecimento do pai e da irmã. Outro ponto presente neste caso é o apaixonamento pelo que é do outro. Elisabeth não busca um homem para a sua vida, mas o homem que é de sua irmã, algo que é percebido nas características femininas, apesar de também ter transposto esta barreira.

Sabe-se, entretanto, que na época em que apresentou esses casos Freud (1892-93/1990 e 1893-95/1995) estava interessado na formação do aparelho psíquico, o que o leva a elaborar o conceito fundamental que marca a obra freudiana, a saber, a descoberta do inconsciente, sem o qual seria difícil tratar da constituição feminina da

mulher. A constituição psíquica do ser humano, segundo Freud (1896c/1994), desenvolve-se a partir da influência da sexualidade, permanecendo através dos traços mnêmicos, ou seja, das lembranças inconscientes. Freud (1898a/1994) ainda aponta que essa influência se manifestará como patologia na posteridade – *Nachträglichkeit*¹ – numa ação retardada dos traços psíquicos inconscientes.

“Uma consideração dessa espécie possibilita compreender porque as experiências sexuais na infância estão fadadas a ter um efeito patogênico. Mas, no momento em que ocorrem, elas só produzem efeito em grau muito reduzido; muito mais importante é seu efeito *retardado*, que só podem ocorrer em períodos posteriores do crescimento. Esse efeito retardado se origina – como não poderia deixar de ser – nos traços psíquicos deixados pelas experiências sexuais infantis. Durante o intervalo entre as experiências dessas impressões e sua reprodução (ou melhor, o reforço dos impulsos libidinais delas provenientes), tanto o aparelho sexual somático como o aparelho psíquico sofrem um importante desenvolvimento; e é assim que a influência dessas experiências sexuais primitivas leva então a uma reação psíquica anormal e à existência de estruturas psicopatológicas” (Freud, 1896c/1994, p. 266).

Nesse momento de início da elaboração da teoria psicanalítica, o autor ainda não coloca em questão a diferenciação entre o desenvolvimento psíquico da menina e do menino e, ao discorrer sobre a vida psíquica, entende haver uma equiparação entre o desenvolvimento libidinal feminino e o masculino. Entretanto, aos poucos, suas pesquisas demonstram as diferenças entre os sexos e, a partir desse instante, mais especificamente no seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905d/1989) fornece os primeiros indícios da assimetria existente na constituição psíquica feminina, os quais ficarão marcados durante toda a sua obra como o enigma da

¹ É um efeito que sucede na posteridade, mas aconteceu, primeiramente, num período anterior. Esse termo era referido por Freud (elaborado como conceito por Jacques Lacan) para designar a noção da temporalidade e da causalidade psíquicas. Essas podem, em função de novas experiências, transformarem-se e serem redirecionadas, revelando um novo sentido, de acordo com Laplanche e Pontalis (1992). Estes autores lembram que “Freud acentuou desde o início que o sujeito modifica a posteriori os acontecimentos passados e que essa modificação lhe confere um sentido e mesmo uma eficácia ou um poder patogênico” (p.33)

mulher ou enigma da feminilidade, questionando “O que quer a mulher?” (Freud, 1933a/1994).

Desta forma, o início da explanação sobre o enigma da feminilidade perpassa pelo surgimento das pulsões parciais, pesquisadas por Freud (1905d/1989). Este processo foi marcado não por uma linearidade evolutiva, mas por uma constante atualização das marcas advindas desses momentos ocorridos na vida psíquica do sujeito. Entretanto, para um melhor entendimento do que sucede no desenvolvimento pulsional, sua apresentação será exposta de forma seqüencial, denominada de períodos.

O período oral é o primeiro proposto por Freud (1905d/1989). É o tempo do bebê experimentar o mundo através da boca, em que o alívio das suas tensões será proporcionado pelos cuidados maternos. Aqui é que ocorre a relação primordial com o Outro (conceito lacaniano que será esclarecido posteriormente) e que na menina terá suas particularidades. Aos poucos, a relação com o Outro que ocorria prioritariamente através da zona oral vai sendo marcada por novos contatos físicos e lingüísticos, balizando o surgimento da linguagem. Paulatinamente, a criança entra no segundo período do desenvolvimento pulsional parcial caracterizado pela zona erógena anal. Geralmente, é durante esta etapa que vai do segundo ao terceiro ano de vida, que ocorrem as intensas modificações de linguagem, o controle motor e quando os sentimentos sadomasoquistas, as noções de poder e de privacidade vão surgindo. Ou seja, é nesse momento que a divisão em opostos que perpassa a vida sexual se constitui.

A descoberta do corpo continua, então, no terceiro período conhecido como fálico, no qual a diferença anatômica é colocada em questão pela criança e, assim, ela inicia suas reflexões em torno da sexualidade. E é nesse tempo que as manifestações como a masturbação, a curiosidade sexual, a fantasia da cena primária e o complexo de Édipo – gerador do Supereu – acontecem e, de acordo com Freud (1905d/1989), é somente neste momento que a vida sexual passa a ser determinada pelas zonas genitais, bem como é o momento do registro da lei paterna.

Passada essa terceira etapa, Freud (1905d/1989) observou um momento de interrupção do desenvolvimento da organização pulsional. O período de latência, segundo o autor, é tomado como uma das condições da aptidão do sujeito para o desenvolvimento de uma cultura superior, mas também de sua tendência à neurose. Freud (1924d/1976) afirma que o início desse período é caracterizado pelo declínio do complexo de Édipo, em que ocorre uma intensificação do recalque, tendo como efeito à

amnésia infantil. Ao término desse momento inicia-se a última fase do desenvolvimento libidinal – a fase genital propriamente dita, na qual as pulsões estão integradas e não mais parciais.

Freud (1905d/1989) referia que os períodos anteriores ao genital têm influência em todos os sujeitos, contudo não tendo a mesma intensidade e o mesmo destino. É por isso que os períodos do desenvolvimento libidinal, conhecidos, também, como pulsões parciais, não se encerram com o início de outro, mas ressurgem a cada momento na vida psíquica dos sujeitos, seja ele criança, adolescente ou adulto. Isto porque se sabe que todas as fontes de excitação sexual estão constantemente presentes na sexualidade do sujeito, apesar de esquecidas – devido à ação do recalçamento – elas persistem em estado inconsciente no Isso e, mais tarde, retornam através do sintoma, (Freud, 1925j/1976).

Ao realizar essa retomada das pulsões parciais pretende-se atentar para as particularidades de algumas conseqüências, decorridas desses momentos considerados importantes para o desenvolvimento psíquico, especificamente as que se referem ao desenvolvimento da menina. Nos momentos anteriores ao período fálico, principalmente durante a relação inevitável, necessária e imprescindível do período oral, no qual a mãe é o primeiro objeto de amor, seguido do período anal, em que a mãe ainda é a referência mais próxima e importante da criança, há, de acordo com Freud (1925j/1976), uma ligação da menina com a mãe que causa um impacto diferenciado em relação à ligação do menino com sua mãe. Esse impacto é vivido na posteridade – *Nachträglichkeit* – no qual a separação entre as duas, necessária e também imprescindível, é percebida pela menina como uma falta de amor a ela.

O ódio oriundo desse sentimento de abandono irá ressurgir no momento em que a menina descobre que sua mãe é castrada, levando-a a dirigir-se ao pai e entrando no complexo de Édipo. Desta forma, segundo Freud (1925j/1976), o complexo de Édipo na menina é uma formação secundária, pois “as operações do complexo de castração o precedem e o preparam” (p.318), ao contrário do menino no qual o complexo de Édipo é liquidado pelo complexo de castração, mesmo que ambos suponham que a mãe e posteriormente, o pai possuam o falo Imaginário.

Nesse momento entra-se no campo teórico lacaniano, a partir do qual abordar-se-á a questão da constituição psíquica proposta por Freud e continuada por Lacan. Esta leitura baseia-se na relação entre alguns conceitos elaborados pelo segundo autor,

tais como Real, Simbólico, Imaginário, grande Outro (A) e de falo, contrapondo a elaboração teórica da relação de objeto proposta por Melanie Klein. Isto porque, segundo Lacan (1956-57/1995), é necessário transcender o aspecto da realidade em si, pois “Não é em torno da relação do sujeito ao objeto que se centra o desenvolvimento” (p.15), mas na transformação do objeto imaginário em objeto simbólico, ou seja, quando o objeto é objeto de falta, a relação, então, é com o objeto e não de objeto (Lacan, 1957-58/1999). Ou seja, o bebê dirige-se para o exterior não a partir de projeções próprias, mas a partir de um lugar onde o desejo do Outro está situado e, a princípio, pode ser encontrado.

Esta falta de objeto, proposta por Lacan (1956-57/1995), apresenta-se de três formas, quais sejam: a frustração (*Versagung*²), a privação (*Entbehrung*) e a castração (*Kastration*) enlaçadas, é claro, com os três registros elaborados por Lacan (1953/1982) como essenciais do sujeito que fala, quais sejam, RSI (Real, Simbólico, Imaginário)³. Esses funcionam dinamicamente e indissociavelmente, pois são anelados borromeamente, apesar de cada registro configurar uma nomeação e uma dimensão distinta, conforme bem explicita Lacan (1971-72a/1997).

“Cada um é uma coisa fechada, flexível e que só se sustenta encadeado nos outros. Nada se sustenta sozinho. Essa topologia, pelo fato de sua inserção matemática, está ligada a relações... de pura significância, isto é, na medida em que estes três termos são três, vemos que pela presença do terceiro uma relação se estabelece entre os outros dois. É isto que quer dizer o nó borromeu” (p. 74).

O registro Real trata do que é irrepresentável para o sujeito. Refere-se, segundo Lacan (1955-56/1988), a “tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*” (p. 21) retorna no Real. O Real diz respeito aquilo que não pode ser simbolizado, todavia este retorna constantemente, fracassando em ser escrito, pois não cessa de não se escrever, constituindo assim a modalidade do impossível, aquilo ex-

² *Versagung* tem sido traduzido como frustração, mas tem um sentido mais positivo e claro quando utilizado a tradução impedimento. Um bom exemplo é "a tropa frustrou (impediu) o ataque inimigo".

³ Quanto se tratar dos conceitos dos três registros – Real, Simbólico e Imaginário – serão escritos sempre com letra maiúscula.

siste e ao mesmo tempo algo disso se inscreve como simbólico. Um esquema pode auxiliar na compreensão da fala de Lacan.

Algo é escrito:

~~~~~

Desse escrito uma parte é recortada, o que está entre colchetes:

[~~~~~]~~~~~

O que está entre colchetes é o que foi inscrito como um dos efeitos do que se escreve, constituindo o simbólico, um conjunto fechado. Ao passo que o que está fora, a direita, determina o outro efeito do escrito, fazendo borda ao simbólico na sua face que determina um conjunto aberto e por isso não cessa de não se escrever, pois como já dito, somente se tem acesso ao Real, através do recorte, da inscrição simbólica.

Continuando, o registro do Simbólico constitui-se a partir do momento em que ocorre uma falta e esta oferece a possibilidade de algo advir no lugar daquilo que falta no imaginário. Trata-se, segundo Lacan (1953/1982), sobre os símbolos organizados na linguagem, transformando-se em significantes. Ou seja, o Simbólico representa o significante, aquele que o funda, qual seja, o significante do nome do pai. Pois, somente a partir da intervenção de um terceiro é possível advir o simbólico como aquele que representa o lugar da falta.

O registro do Imaginário, por sua vez, “é tudo o que o relaciona de uma maneira eletiva, mas sempre tão pouco apreensível quanto possível” (Lacan, 1955-56/1988, p. 20). O Imaginário perpassa pelo registro da experiência, marcada por imagens retidas no pensamento psíquico, as quais pertencem à categoria de representação que causam marcas no sujeito referentes às imagens acerca de si, gerando convicções e consistências sobre o próprio eu. Lacan (1955-56/1988), ao definir os três registros, enfatiza.

“O Simbólico (...) exerce uma influência tão manifestamente perturbadora nas relações humanas e inter-humanas. (...) O Imaginário é sem dúvida guia de vida para todo campo animal. Se a imagem desempenha igualmente um papel capital no campo que é o nosso, esse papel é inteiramente retomado, refeito, reanimado pela ordem simbólica. A imagem é sempre mais ou menos integrada nessa ordem que, (...) se define no homem por seu caráter de estrutura organizada. (...) Na ordem imaginária,

ou Real, nós temos sempre um limiar, uma margem, uma continuidade. Na ordem Simbólica, todo elemento vale como oposto a um outro” (p. 17).

A partir dos três registros é possível retornar às três formas de falta de objeto propostas por Lacan (1956-57/1995): frustração, privação e castração.

A frustração, primeira forma de falta de objeto, localiza-se no domínio da reivindicação do que é desejado e não obtido, pois se refere ao objeto Real, que se reflete na frustração imaginária das necessidades primeiras da vida, do registro das impressões reais, vividas pelo sujeito num período de desenvolvimento em que sua relação com o objeto real está centrada habitualmente na imago dita primordial do seio materno.

“A noção de frustração (...) está ligada à investigação dos traumas, fixações, impressões, provenientes de experiências pré-edípicas. Isso não implica que seja exterior ao Édipo – ela lhe dá, de certa forma, o terreno preparatório, a base e o fundamento. Ela modela a experiência do sujeito e prepara nele certas inflexões que darão a vertente segundo a qual o conflito edípico será levado a se infletir, de maneira mais ou menos intensa, num sentido que poderá ser atípico ou heterotípico” (Lacan, 1956-57/1995, p.62).

A privação, a segunda forma de falta de objeto, alude a uma falta real, um furo no Real. Mas, salienta-se que não se trata de uma privação experimentada na realidade, mas interligada com um objeto que é simbólico. A castração, por fim, trata da falta de um objeto imaginário, a qual será transformada na dívida simbólica de um objeto que é imaginário. Lacan (1956-57/1995) afirma que na castração há uma falta fundamental que se situa, como dívida, na cadeia simbólica, todavia “não é uma castração a nível de realidade. Está ligada a um desejo. Está ligada inclusive à evolução, ao progresso, à maturação do desejo no sujeito humano.” (Lacan, 1957-58/1999, p.318)

Pode-se verificar a relação entre os três registros e as três faltas de objeto no quadro apresentado:

| Falta de Objeto       | Objeto     |
|-----------------------|------------|
| Castração simbólica   | imaginário |
| Frustração imaginária | real       |
| Privação real         | simbólico  |

Percebe-se que as três formas de falta são interligadas. Lacan (1956-57/1995) afirma que a frustração só tem sentido a partir da noção de castração e privação.

“A castração nada mais é que aquilo que instaura na sua ordem verdadeira a necessidade da frustração, o que a transcende e a instaura numa lei que lhe dá um outro valor. Isso, aliás, é também o que consagra a existência da privação, pois a idéia de privação não é de modo algum concebível no plano Real. Uma privação só pode ser efetivamente concebida para um ser que articula alguma coisa no plano simbólico” (p.100).

Ainda relacionada às formas de falta de objeto tem-se a perspectiva lacaniana do complexo de Édipo. Neste, a castração é o sinal da falta, simbólica, tendo como antecedentes a frustração e a privação. A castração é o signo do drama do Édipo, é o sinal da falta simbólica que marca, também, a questão do sujeito desejante e o falo como elemento significante.

### **1.3.1 – Os três tempos do complexo de Édipo e a constituição psíquica da criança**

Lacan, a partir da sua elaboração das noções de falta e dos três registros, reitera a concepção freudiana do complexo de Édipo e, ainda afirma que o mesmo ocorre em três tempos. No primeiro tempo, segundo Lacan (1957-58/1999), a criança coloca-se no lugar da falta da mãe, identificando-se especularmente com aquilo que é objeto do desejo da mãe: o falo imaginário. É nesse momento que a criança mantém uma relação intensa e praticamente exclusiva com o Outro, na qual “em sua impotência, constata depender inteiramente da demanda, isto é, da fala do Outro, que modifica, reestrutura, aliena profundamente a natureza do seu desejo” (p. 370). E, desta forma, ela procura ser tudo para sua mãe, correspondendo à demanda materna de satisfazê-la plenamente.

Aos poucos, chega a hora da interrupção dessa relação exclusiva, o que ocorre diante da intrusão do pai, da função paterna. Essa intrusão causa frustração na criança por perceber a falta do objeto, cujo protótipo, nesse momento, é o pênis. A mãe, por sua vez, é privada de seu objeto fálico. É nesse tempo, portanto, que a inclusão da metáfora paterna é colocada em pauta, pois aquele que frustrou a criança, privando a mãe do objeto, é percebido como o único possuidor do falo imaginário, levando aquele que não o possui a acreditar que poderá ter, ou ser, quando retirar daquele que supostamente possui.

No tempo final do complexo de Édipo, proposto por Lacan (1957-58/1999), aquele que privava a mãe oferece o que esta deseja, permitindo à criança identificar-se com o pai e aceder à simbolização da lei. Nesse momento, o falo passou para a posição simbólica, não estando mais presentificado em alguém, instaurando-se como instância simbólica.

A ênfase enunciada sobre a primazia do falo e não do órgão sexual, mesmo este sendo citado como uma referência ao primeiro, acentua a noção de significante que tem o falo, enquanto aquele serve de referência à falta e ao desejo que advém da primeira. Essa diferenciação é um dos reconhecimentos necessários para que se possa alcançar a feminilidade propriamente dita. É importante, desta forma, retomar e entender por que vias a questão do falo perpassa e ao que esse conceito diz respeito.

O falo enquanto representante do significante primordial, da lei paterna, cinde a obtenção da suposta completude experienciada pela mãe e pela criança. Além do mais, o falo é o nome de um significante muito particular, que tem por função significar tudo o que depende da dimensão da sexualidade. Entretanto, é necessário frisar que o falo não é o representante do gozo, mas é o significante que marca a origem do gozo, marca o obstáculo com que se depara o gozo, sob a forma do sintoma, do fantasma ou do ato.

O falo, desta forma, delimita o gozo a partir do qual Lacan (1972-73/1985) explicita o gozo feminino e masculino. O gozo pode ser fálico ou Outro. O primeiro é aquele que é passível de inscrição no simbólico e com o qual feminino e masculino se deparam. Entretanto, o feminino apresenta uma outra forma de gozo que não se restringe somente ao gozo fálico, visto que a mulher tem uma particular relação com o Outro que se determina em uma forma correspondente de gozo que Lacan denomina Outro, do que o gozo fálico, que diz respeito ao registro do Real.

É nesse sentido que Lacan aponta a mulher como não-toda inscrita na castração, pois há algo que da mulher não se pode dizer, pois não está escrito e, conseqüentemente, passível de ser falada. E por não estar exclusivamente escrita no gozo fálico que não existe A mulher: “é impropriamente que chamamos *a* mulher, pois, como sublinhei da última vez, a partir do momento em que ele se enuncia pelo não-todo, não pode se escrever. Aqui o artigo *a* só existe barrado. (...) tem relação com o significante enquanto barrado. (...) O Outro não é simplesmente esse lugar onde a verdade balbucia. Ele merece representar aquilo com que a mulher fundamentalmente tem relação. (...) a mulher é aquilo que tem relação com esse Outro” (p.108).

Retomando a discussão sobre o falo, cabe salientar que é a partir dessa acepção que o conceito de objeto fálico entra em questão. Dor (1989) entende que o objeto fálico constitui o ponto fundamental da problemática edipiana e da castração em torno da dimensão da metáfora paterna. A referência ao falo, reafirma, não é a castração via pênis, mas a referência ao pai, ou seja, relativa a uma função que mediatiza a relação da criança com a mãe e da mãe com a criança. O objeto fálico possui uma origem de ser significante, de fazer referência, referência simbólica. Lacan (1957-58/1999) elucida a origem do vocábulo falo. *Phallos*, segundo o autor, surge pela primeira vez na antigüidade grega, não sendo identificado, de modo algum, com o órgão do corpo, prolongamento, membro, órgão em funcionamento, mas a palavra dizia respeito a um simulacro, uma insígnia. “Tratava-se de um objeto substituto e, ao mesmo tempo, essa substituição tem uma propriedade muito diferente da substituição no sentido como acabamos de entendê-la, a substituição-signo” (p. 359).

A natureza do objeto fálico é argumentada por Freud (1923e/1976) no sentido de que é a noção de falta que suscita no sujeito a promoção do objeto fálico e, desta forma, introduz o sujeito para além da realidade anatômica. Dor (1989) enfatiza e esclarece essa noção de falta.

“De um lado, é a noção de falta (...) que suscita a promoção do objeto fálico e, dessa forma justamente, o introduz radicalmente para além da realidade anatômica. De fato, a diferença dos sexos constitui-se (...) em torno da noção de falta: o órgão genital feminino só é diferente do órgão genital masculino porque lhe falta alguma coisa. Por outro lado, o produto da observação (realidade perceptiva) é imediatamente elaborado

subjetivamente sob a forma de concepção. Esta concepção de alguma coisa que falta confere inevitavelmente um lugar, o único possível, ao que se supõe faltar: o registro Imaginário” (p. 75)

Pode-se esclarecer, então, que existe um falo imaginário e um falo simbólico. O primeiro refere-se aquela que a criança imaginariza num primeiro momento, de que o pai o possui, sendo este encarnado e positivado pela criança. O segundo por sua vez, alude a uma diferença que marcará o significante da falta. O que permanece, segundo Conté (1995), é a função fálica que ocupa um lugar essencial no destino subjetivo, tanto do homem quanto da mulher, e é justamente isso que assinala, desde logo, que a ordem simbólica, no ser humano, separa-se da realidade biológica, para lhe impor sua própria determinação.

Lacan (1966/1998) aponta que o falo está como significante no lugar do Outro.

“Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele. Mas, como esse significante só se encontra aí velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo é um sujeito dividido pela *Spaltung* significante” (p. 700).

Pommier (1987), ao descrever essa questão, aponta que o falo é aquilo que uma mãe demanda e que permite nomear o enigma do seu desejo. Ou seja, o falo imaginário designa o significante da falta, o ponto de impossibilidade onde o significante não pode definir-se a si mesmo e, assim, convoca o outro, caracterizando a diferença do falo simbólico e do falo imaginário.

Tratou-se do complexo de Édipo e do falo como elemento significante da falta. Estes também pressupõem a concepção de grande Outro, ou seja, aquele que carrega consigo o significante primeiro, bem como exerce a função de transmitir esse significante através dos três tempos edípicos. Isto porque antes de a criança vir-a-ser um fala-ser, quem a fala é um Outro.

Para compreender o que seja o Outro se parte de uma imagem muito simples: um bebê, inevitavelmente, precisa de alguém que, no mínimo, faça-o manter-se biologicamente vivo. Entretanto, para que esse pequeno ser venha a obter um status de

sujeito vivo, psiquicamente, é imprescindível que esse alguém, o qual porta o lugar do Outro, esteja em conexão com o bebê. E mais, essa conexão perdurará por muito tempo na vida psíquica de todos os sujeitos.

O grande Outro designa o lugar daquele que ocupa a posição do saber, o lugar de oferecer ao outro a possibilidade de aceder como sujeito, segundo Lacan (1964/1998). Ou seja, o Outro é o lugar do tesouro dos significantes, os quais serão oferecidos ao bebê, para que este possa iniciar sua constituição psíquica. É o momento em que a mãe ou aquela que desempenha essa função coloca-se para a criança como quem sabe o que é melhor para seu bebê. E será a partir da relação entre o bebê e o Outro que o sujeito será constituído.

O sujeito, conforme Lacan (1964/1998), depende do significante e este está presente primeiro no campo do Outro. E é nesse sentido que o autor afirma que “o que é preciso acentuar, é (...) que um significante é o que representa um sujeito para um outro significante” (p. 197). O significante surgindo no campo no Outro faz surgir o sujeito de sua significação.

Nesse mesmo período, Lacan (1964/1998) explana que essa relação, considerada primordial, favorece a alienação do bebê que está envolvido com as questões do Outro, pois é através deste que ele será constituído. “Como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça, do Outro” (p. 194).

Uma nova articulação sobre a constituição do aparelho psíquico se coloca, a qual atravessará o problema desta pesquisa acerca da construção da feminilidade. A alienação e a separação são dois processos inevitáveis para que o bebê possa aceder como sujeito do seu desejo. Segundo Laurent (1997) será a partir dessa elaboração teórica que Lacan (1964/1998) alinhava a constituição psíquica em três passos: primeiro o inconsciente é estruturado como uma linguagem; segundo que há uma topologia que proporciona a constituição do sujeito; e terceiro o sujeito é escutado a partir da dinâmica que o envolve.

A operação primeira, trabalhada por Lacan (1964/1998) é a da alienação. É o momento em que há a fusão entre significantes do bebê e do Outro. Pode-se retomar o anteriormente explicitado sobre o primeiro tempo do complexo de Édipo no qual o bebê é tudo para a mãe, o falo que a complementa e dessa forma ela procura fazer o mesmo ao seu bebê, ou seja, ela encarna o Outro. Todavia, esse processo

imaginariamente de completude ideal é um engodo, pois mesmo na alienação não é possível que o sujeito possa ser totalmente representado no Outro. Isto porque esse Outro, para constituir um outro sujeito, deve ser barrado, estar marcado pelas três faltas indicadas por Lacan (1956-57/1995). Caso contrário, o bebê será simplesmente uma extensão de seus genitores. A falta existe mesmo na alienação, mas ela é mascarada devido à necessidade de vivência da mãe e da filha.

O processo de separação, por outro lado, configura a eterna presença da falta de que nem o Outro, nem o sujeito possuem a completude. Os três tempos do Édipo caracterizam esse processo de separação a partir da frustração, da privação e da castração, em que não existe um significante, mas que um significante auxilia na criação de outro significante. Eis o que Lacan (1964/1998) explicita na frase “um significante é o que representa um sujeito para um outro significante” (p. 197). Assim, produz-se um resto que irá formar o objeto *a*, objeto causa de desejo.

A segunda operação, então, caracteriza-se pela diferenciação entre significantes do bebê e do Outro, ou seja, como sujeitos distintos e com significantes particulares, apesar de entrelaçados. Desta forma, o sujeito aparece primeiro no campo do Outro, pois segundo Lacan não existe sujeito sem o Outro. E como nos afirma Freud (1905d/1989), a mãe quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se em um ser humano capaz, dotado de vigorosa necessidade sexual, podendo realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão. A separação encerra a circularidade da relação do sujeito ao Outro, produzindo o campo da transferência e da suposição de saber e não do saber enquanto tal.

Essas duas operações são constantemente repetidas para que a criança adquira consistência de seu ser como sujeito. “O Outro não é simplesmente o outro que está ali, mas literalmente o lugar de fala” (Lacan, 1956-57/1995, p.79). O autor ainda afirma sobre a alienação e a separação.

“Pela separação o sujeito acha, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos, para ilustrá-lo, a mãe. É no que seu desejo está

para além ou para aquém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito.” (Lacan, 1956-57/1995, p.207)

Ao retomar esses pontos da teoria psicanalítica, principalmente a freudiana e a lacaniana, teve-se como objetivo salientar o processo de constituição psíquica pautada numa relação em que mãe e criança são sujeitos separados, não só no registro Imaginário, mas acima de tudo no Simbólico; e também o Real, que é da ordem do impossível, deve estar entrelaçado com os demais. Ou seja, se a suposição de uma completude virar uma crença, não há Simbólico que consiga abstrair uma invasão de um ‘verdadeiro’ saber. Apesar de árduo, o trabalho analítico pode vir a quebrar com essa completude e fazer surgir um sujeito desejante. Será desenvolvido a partir dessa teoria o trabalho de construção da feminilidade na mulher, levando em conta as operações de alienação e de separação, especialmente entre mãe e filha.

#### **1.4 – A especificidade da constituição feminina: amar é dar o que não se tem**

Ao tratar de um assunto tão complexo quanto a feminilidade, muitos pontos podem ser enfocados. Nesta pesquisa, como já referido, aborda-se a constituição da feminilidade na mulher considerando a alienação e a separação mãe e filha. Discorrer-se-á a partir desse momento sobre essa constituição que trata especialmente da menina, o que não quer dizer que alguns dos processos descritos não ocorram com os meninos. Entretanto, sabe-se que os efeitos diferem.

Apesar de Lacan (1972-73/1985) afirmar que não é a anatomia que determina a forma pela qual homens e mulheres se posicionam do lado masculino e feminino, mas a maneira como se submetem ao falo, significante do desejo, será somente da menina que se versará, levando em conta a particularidade do impacto diferenciado existente na menina em relação a sua mãe. Para tanto, a pesquisadora recorreu, além dos autores principais desta pesquisa, a outros estudiosos que puderam vir a constatar e até mesmo complementar o estudo sobre a constituição psíquica feminina.

Iniciando a partir da perspectiva freudiana, verifica-se que a constituição psíquica da menina passa por constantes movimentos. No texto *Sexualidade Feminina* (1931b/1974) e na conferência XXXIII, *Feminilidade* (1933a/1994), o autor descreve

esses movimentos que ocorrem, a princípio, durante os primeiros períodos do desenvolvimento da menina, ou seja, das pulsões parciais, bem como no período do complexo de Édipo. Freud, nessa época, reconhece que menino e menina possuem um enigma que lhes são próprios, muito particulares de cada sujeito, considerando que ambos são constituídos de maneiras diferentes. Freud aponta que na posteridade (*Nachträglichkeit*) a relação dos primeiros anos de vida são os mais importantes para a menina. Além disso, aponta três movimentos e três destinos para a construção do enigma da feminilidade na menina.

O primeiro movimento, apontado ainda no texto de Freud (1905d/1989), caracteriza-se pela mudança de zona erógena que primeiramente era o clitóris e, com o complexo de castração, passa a ser a vagina. Segundo o autor, a transformação da menina em mulher possui uma relação intrínseca com a excitabilidade do clitóris. De acordo com Freud, a mudança de zona erógena dominante é um dos principais determinantes relacionados com a natureza da feminilidade. Entretanto, é importante frisar o que ocorre nesse movimento, pois esse deslocamento não é regido por uma troca radical, mas sim através de uma transição entre um e outro, ou seja, entre o clitóris e a vagina, havendo, assim, a inclusão de uma outra zona erógena até então, supostamente, desconhecida.

Referente a essa questão da zona erógena, Horney (1967) considera que a menina tem conhecimento da vagina, devido a ocorrência freqüente da introdução de objetos estranhos dentro desta zona genital. Mesmo assim, a autora não discorda de Freud sobre o desconhecimento, mas que este se deve a outro fato, a ação do recalçamento. E, sendo assim, a paciente pode ter uma boa razão para não relembrar as sensações vaginais ou a própria masturbação. Estas sensações são, segundo Horney, muito freqüentes, apesar do clitóris ser selecionado mais comumente para o ato masturbatório.

Esse movimento da zona erógena, advindo do recalçamento, é o processo instaurado para que a menina elimine a parte da masculinidade infantil, ou seja, o clitóris que conferia à atividade sexual da menina um caráter masculino, segundo Freud (1908c/1976). Interessante ressaltar que Freud propunha a tese de que as crianças no período pré-genital recusam a idéia da vagina por presumirem que a mãe tem pênis e, assim, a descoberta da vagina, bem como a sua finalidade é postergada para o início da puberdade. Nesse sentido, percebe-se a importância dessa descoberta para o

desenvolvimento da feminilidade, ou seja, a descoberta de que ela é dotada de uma zona a mais de prazer e, portanto, há, como mulher, feminina saber transitar pelas duas zonas erógenas, não abandonando a primeira delas – o clitóris.

Melman (1985) salienta que esse desconhecimento ou a negação da vagina que atinge igualmente ambos os sexos, demonstram bem a impossibilidade de elevar esta cavidade à dignidade de órgão fêmea, e isto, segundo o autor, não está nem no obscurecimento intelectual, nem em alguma deficiência anatômica, mas está justamente numa impossibilidade de estrutura. A ignorância da vagina supõe, portanto, o exercício de um saber. A vagina termina sendo descoberta, mas sabe-se quão freqüentemente o é de modo accidental, como uma surpresa que deve muito ao Imaginário de um isomorfismo dos corpos.

O segundo movimento necessário é a troca do objeto de amor que se desloca da mãe para o pai. Essa substituição ocorre devido à necessidade de a criança ser plenamente satisfeita e se contentar com não menos do que tudo, como referia Freud (1931b/1974), ou seja, ela supõe que o pai tem o que é desejado. É, também, um efeito do complexo de castração, bem como um ressentimento por ser impedida de uma atividade sexual livre – a masturbação. Esse movimento, porém, segundo Freud, mostrava-se efêmero, pois a ligação original com o Outro perpetua, mesmo que de forma velada, provavelmente pelo sentimento de raiva e abandono sentidos pela menina em relação à sua mãe. Freud (1933a/1994) sublinha que esse afastamento da mãe é um passo acompanhado de hostilidade e, portanto, a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio que pode se tornar muito influente e durar toda a vida. Desta forma, este é um dos fatores, considerados por Freud (1931b/1974), como contribuintes do impacto diferenciado, existente no período pré-edipiano feminino. Impacto esse que conduz a uma hipótese sobre a questão da homossexualidade feminina. Esta perpassa a relação com a mãe e, nesse sentido, desembocando no conchavo das jovens ressurgentes e na relação íntima com suas iguais, as quais, nesse momento, podem ser as substitutas da ligação materna dos primeiros anos de vida. Segundo Freud (1905e/1989), essa relação é o protótipo da escolha heterossexual.

“A amizade entusiástica por uma colega de escola, acompanhada de juras, beijos, promessas de correspondência eterna e toda a sensibilidade do ciúme, é o precursor comum da primeira paixão intensa de uma moça por

um homem. Em circunstâncias favoráveis, a corrente homossexual amiúde seca por completo, mas, quando não se é feliz no amor por um homem, ela torna a ser despertada pela libido nos anos posteriores e é aumentada em maior ou menos intensidade” (p. 62).

A identificação de uma mulher com sua mãe, segundo Freud (1933a/1994), possibilita diferenciar duas camadas: a pré-histórica, sobre a qual se apóia a vinculação afetiva com a mãe, na qual esta é tomada como modelo; e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai. O autor afirma que tanto uma quanto a outra permanecem no futuro e que nenhuma das duas é adequadamente superada no curso do desenvolvimento. Assim, pode-se sugerir que não há uma divisão como Freud propunha – pré-histórica e edípica – pois estas fazem parte da própria história e constituição da menina.

Por fim, o terceiro movimento, a troca do objeto desejado: o pênis cede lugar ao desejo de ter um filho, pois somente nesta condição a mulher seria dotada de falo. Há, porém, que se questionar sobre essa relação conseqüente proposta por Freud (1931b/1974). Isto porque se pode sugerir que, atualmente, nem toda mulher vem a desejar ser mãe. Desejando ser mãe, a mulher reconheceria seu lugar que, num primeiro momento, imaginariamente é completa, modificando com a intervenção da lei, reconhecendo sua filha como um sujeito distinto de si, com desejos próprios. Assim, reconheceria sua falta e colocar-se-ia como um sujeito desejante, portanto, um sujeito marcado pela falta, não a tamponando. Por outro lado, o terceiro movimento apontado por Freud pode ser entendido no momento em que a mulher, ao invés de desejar ser mãe, deseja, simplesmente, ter um filho como uma extensão de si, como um sujeito submetido eternamente ao seu desejo. A questão não é ser mãe, pelo fato de desejar ter um filho como algo que a complementa ilusoriamente de forma total, não momentaneamente, como ocorre no primeiro tempo do complexo de Édipo, referido por Lacan (1957-58/1999), mas eternamente. Gianlupi (2003) aponta que a maternidade é uma forma de se reencontrar com os pais ideais da infância, momento da completude da própria mãe. Prendendo-se a este ideal, a mãe deseja fazer tudo para a sua filha, sufoca-a, não a permitindo sentir a falta.

Dentro dessa perspectiva, pode-se recorrer a Bergès e Babo (2003) quando propõem a existência e a influência da mãe da mãe na relação com a filha desta última.

Pensa-se que é possível uma equivalência dessa situação na construção da feminilidade, na qual ocorre não uma identificação com a mãe, mas a quem a mãe dirige essa menina. Os autores referidos retomam o dizer de Freud (1933a/1994) quando mencionam que o desejo da menina é fazer um filho na mãe<sup>4</sup>. Ou seja, a quem essa mãe faz referência é a própria mãe, a avó da menina. Esta estaria, na hipótese dos autores, no lugar do grande Outro, “que demandaria uma criança e ao mesmo tempo seria o pai” (p.50). Nesse sentido, a mãe não leva em conta a demanda do genitor, mas a da sua própria mãe, assim “o genitor não está forcluído. É o desejo da mãe que está forcluído” (p. 50).

“A mãe impede o genitor de advir como pai simbólico, uma vez que para ela, o pai simbólico é sua mãe. É justamente isto que é insustentável, pois, então, isso significaria admitir o caráter incestuoso da criança que acaba de nascer. Então, a mãe do bebê não quer saber de nada, nem desse incesto, nem desse pai, mas ela sabe do incesto e responde não reconhecendo seu filho: é um puro real”. (Bergès e Balbo, 2003, p.40)

Bergès e Balbo (2003) procuram salientar que quando a mãe faz um filho na própria mãe é o retorno da negação da castração de sua mãe (avó) no momento de sua própria constituição. E mais, ocorre a constatação de duas forclusões: a do Nome-do-Pai da mãe (não castração) e a do Nome-do-Pai da criança. Os autores entendem que o fato de a menina desejar inicialmente a mãe é o que lhe custa mais caro, pois a mãe é sempre o objeto de desejo da filha.

Desta forma, surge uma outra possibilidade de leitura da constituição feminina, ainda não trabalhada, apesar de apontada pelos autores referidos no que diz acerca da relação mãe e filha. Relação essa que Bergès e Balbo (2003) consideram como um ponto que do “lado da menina não tem a mesma significação que do lado do menino, porque o fato de fazer a criança em sua mãe supõe a não castração da mãe, e torna-a até mesmo necessária” (p.59). Zalcberg (2003) também possui um estudo semelhante, no qual aponta que há a necessidade de a filha encontrar um lugar para ela mesma no

---

<sup>4</sup> Na língua portuguesa essa frase é traduzida por “de ter da mãe um filho” (Freud, 1933a/1994, p. 120). Segundo Fleig (2003), no texto de Bergès e Balbo (2003) em uma nota de rodapé, esclarece que a frase no original “der Wunsch ..., der Mutter ein Kind zu machen” é corretamente traduzida por “o desejo de fazer um filho na mãe”.

desejo da mãe – dando-lhe algo – pode manifestar-se de alguma forma quando ela tornar-se mãe. Agora tem um bebê para oferecer-lhe e, ainda assim, há de considerar a diferença de o bebê ser menino ou menina. Citando Winnicott, a autora também considera que “para toda mulher, há sempre três mulheres: ela menina, sua mãe e mãe da mãe” (p.5)

Ao que diz respeito aos três destinos referentes ao feminino, propostos, por Freud, (19331b/1974) afirma-se que o primeiro destino possível coaduna-se com o último movimento realizado pela menina, ao trocar o falo imaginário pelo desejo de ter um filho, apontado por Freud (1933a/1994). Assim, o autor entende que a feminilidade seria impedida devido à inibição sexual ou à neurose, a qual seria elaborada somente no futuro ao ser contemplada com o filho daquele que ela supõe ter o falo. Entretanto, Freud (1924d/1976) afirmava que o complexo de Édipo na menina poderia ser abandonado, levando em conta que esse desejo jamais se concretizaria. Esse mesmo fato poderia vir a contribuir com um outro destino: o complexo de masculinidade, levando a menina a permanecer fixada no complexo de Édipo.

Esse segundo destino, então, é a modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade em que a menina se reveste de características masculinas ao se defrontar com a castração, evitando, desta forma, o surgimento da característica da passividade que abre caminho à feminilidade, segundo Freud (1933a/1994). Nesse destino pode-se supor o quanto as mulheres em busca de um reconhecimento procuram afirmar-se por elas mesmas, negando a necessidade de amor. Freud (1924d/1976) apontava que a “... renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação...” (p.223). Com a descoberta de que não possui o falo imaginário, a menina que já se descobre castrada, sabe que não o tem e quer tê-lo. Assim, a menina ao recusar o fato de ser castrada, enrijece-se na convicção de que realmente possui um pênis, subseqüentemente compele a menina a comportar-se como se fosse homem, como registra Freud (1925j/1976). É possível considerar que “Como ela não consente que seja a esse preço (o da castração) que o homem seja um, prefere, muitas vezes, para não correr riscos, passar-se do homem e levar toda a sua questão de mulher para uma outra mulher” (Zalberg, 2003, p.108), ou seja, é possível apontar que a homossexualidade não significa renunciar à feminilidade. Lacan (1966/1998) afirma que “muito pelo contrário, em todas as formas, mesmo inconscientes, da

homossexualidade feminina, é sobre a feminilidade que recai o interesse supremo” (p. 744).

O último destino caracteriza-se pela possibilidade de a mulher encontrar a via própria para o feminino, pois esse caminho denuncia que a menina encerra sua luta pelo que é do outro e toma o pai como objeto, encontrando, assim, o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo, (Freud, 1933a/1994). Lacan (1957-58/1999) observa que a chegada à posição feminina ocorre a partir do momento em que se faz “brotar no sujeito uma demanda, dirigida ao personagem paterno, de que lhe seja dada alguma coisa que realize seu desejo” (p. 295).

Três destinos para a feminilidade, dos quais somente um, nas palavras de Freud (1933a/1994), corresponderia à própria feminilidade. Mas o que impediria, então o chegar a essa posição feminina?

Além das influências dos primeiros anos da menina, trabalhados na teoria freudiana, Pommier (1987) registra que o não alcance da feminilidade advém, também, do não reconhecimento da diferença entre pênis e falo, dificultando a constituição da menina como sujeito feminino – futura mulher – a qual pode estar presa ao Imaginário. O autor examina esses equívocos femininos na relação falo-pênis a partir dos três possíveis destinos, para esse acontecimento da feminilidade, propostos por Freud (1933a/1994).

O primeiro equívoco ocorre no primeiro destino em que, ao sucumbir à neurose, a mulher diante da castração associa a ausência de pênis com a ausência de gozo fálico e, portanto, a relação que a mulher faz é de que quem não tem pênis, não tem falo. A única forma possível seria, então, ter um filho de quem possui o falo imaginário. Nessa escolha estaria o desejo de ter um filho e não de ser mãe, de exercer a maternidade como uma das possibilidades de exercer a feminilidade e não como a única.

O segundo equívoco corresponderia a incorporação feminina à masculinidade. Nessa situação o falo é tomado como equivalente ao pênis, e a mulher realiza a seguinte operação lógica: já que tem falo, então tem pênis.

No que se refere ao terceiro destino o equívoco entre falo e pênis não existiria, pois aqui a ausência de pênis não implica desaparecimento do gozo fálico. Ou seja, a mulher considera que o pênis é diferente do falo e não está em seu lugar, não é frustração, nem privação, mas sim castração, a qual é universal e necessária à constituição psíquica, simbólica, lembra-se de um objeto que é imaginário.

Ao que diz respeito à perspectiva lacaniana sobre a constituição feminina, fugazmente apontada, há muito mais a se dizer. Essa leitura sobre a constituição psíquica feminina ultrapassa a elaboração freudiana, apontando uma direção mais clara sobre a feminilidade da menina. Para tanto, iniciamos com Lacan (1956-57/1995) quando diferencia o envolvimento da menina e do menino na lógica fálica. A princípio o autor os refere como semelhantes, mas percebe-se as nuances da diferença em seus textos, principalmente quando aponta o achado de que a lógica fálica não se apresenta de forma resolutiva na mulher assim como no homem, e que nela aparece algo a mais do que o gozo fálico. Segundo o autor, a metáfora paterna auxilia na construção como sujeito, mas não como mulher. Há algo que não entra no discurso. A mulher divide-se entre uma parte em que é atingível pelas palavras e uma parte em que não o é.

Lacan (1956-57/1995) refere que a relação intensa da criança com a mãe é necessária, visto que esta é aquela que encarna a função do Outro num momento inicial, sendo primordialmente toda-poderosa, o que não quer dizer que a mãe contenha tudo, como referia Melanie Klein, segundo o autor. A mãe é suposto saber, assim como a criança é para a mãe aquela que hipoteticamente lhe complementa.

“A relação da criança com a mãe, que é uma relação de amor, abre a porta para o que se chama habitualmente, por não se saber articulá-lo, a relação indiferenciada primeira. De fato, o que acontece fundamentalmente na primeira etapa concreta da relação de amor, que é o fundo sobre o qual se dá ou não se dá a satisfação da criança, com a significação que ela implica? Trata-se de que a criança inclua a si mesma na relação como objeto de amor da mãe. Trata-se de que ela aprenda o seguinte: que ela traz prazer à mãe. Esta é uma das experiências fundamentais da criança, a de saber se sua presença requer, por menos que seja, a presença que lhe é necessária, se ela mesma introduz o esclarecimento que faz com que esta presença esteja ali e a cerque, se ela mesma lhe traz uma satisfação de amor. Em suma, o *ser amado*, o *geliebt werden*, é fundamental para a criança. Este é o fundo sobre o qual se exerce tudo o que se desenvolve entre a mãe e ela” (Lacan, 1956-57/1995, p. 229).

A frustração entre as duas – criança e mãe –, ou seja, o impedimento (*Versagung*) que é necessário ocorrer para que ambas sejam sujeitos desejantes, é que propiciará o início de um reconhecimento de que o outro não é seu complemento, da mesma forma em que o Outro não é aquela que o encarna, a mãe. Como então a criança se posiciona diante da demanda materna de que ela lhe é toda-poderosa, especificamente a menina? A menina pode vir a ficar em duas posições: pode ser a metáfora do amor pelo pai ou ser a metonímia do desejo do falo, que a mãe não tem e não terá jamais.

Ocorre que a segunda dessas posições, ligada à alienação, pode instalar-se de forma mais intensa na menina, visto que “a criança inscreve-se no destino reservado pela mãe à falta como mulher” (Zalberg, 2003, p. 110). Levando em conta que o significante primordial e único é o falo, a autora refere que a menina depende de uma cobertura imaginária para um corpo para o qual lhe falta um significante feminino. Desde o início, na alienação, a criança se vê a partir do campo do Outro. Na menina há uma intensidade de identificação pela via imaginária, potencializando a alienação da filha no campo da mãe, “Esse é um dos motivos pelos quais a mulher tem dificuldade em renunciar à satisfação narcísica que corresponde à concepção do eu ideal para abraçar a identificação simbólica que corresponde à concepção do ideal do eu. Para tanto, faltam-lhe os fundamentos que regulam o domínio da identificação simbólica” (p. 166). Surge, então, uma necessidade mais intensa na menina de ser amada, mais do que amar. Ainda, segundo, a autora, o Imaginário é estruturante para a mulher, é nele que o Simbólico e o Real se articulam, ou seja, “ser mulher é, acima de tudo, ser mulher na aparência: a identidade feminina é estabelecida em uma estrutura de ficção” (p.186).

Zalberg (2003) é uma autora que contribui no estudo da relação especial entre mãe e filha a partir desses achados de Lacan (1956-57/1995) de que, na menina, o falo está mais ou menos situado no Imaginário onde ele se encontra, no mais-além da mãe, através da descoberta progressiva feita por ela da insatisfação fundamental experimentada pela mãe na relação mãe-criança. Trata-se então, para ela [criança], de deslizamento deste falo imaginário para o Real, segundo Lacan. O que ocorre para Zalberg é que a criança toca para além da causa do desejo da mãe, mas toca na mulher em falta e, assim, a criança se relaciona com sua mãe e com a mulher que existiu nela. Mas, como já afirmado, não será somente a lógica fálica que guiará o percurso

feminino, mas o gozo em que a criança pode ser tomada, como causa do seu desejo, como objeto *a*, permanecendo alienada e não sujeito do seu desejo, o que ocorre quando se está separada. Isto não quer dizer que a menina e a mãe mantêm uma relação objetual de uma realidade, a partir da qual uma complementa a outra pela identificação imaginária, mas antes disso, é uma identificação que permite amarrar o registro do Real e do Simbólico para que a menina possa estar também submetida à lei. Caso contrário, a permanência no registro Imaginário, segundo Lacan “é uma relação essencialmente alienada, interrompe, desacelera, inibe e inverte na maioria das vezes (...) a relação de fala entre o sujeito e o Outro, o grande Outro” (p.10)

A menina, então, por seu sentimento de abandono, buscará desvendar seu enigma próprio, buscando incessantemente o objeto de sua satisfação, o objeto perdido, o qual não é reencontrado, pois quando apreendido não está no ponto onde se procura. Lacan (1956-57/1995) aponta que esse objeto não é o objeto próprio da satisfação, mas sim a marca do valor da potência daquela que não responde, ou seja, a princípio: a mãe. A busca será pelo objeto agora simbólico que circula entre o registro do Real e do Imaginário.

Ocorre que para a menina chegar ao status da busca pelo objeto simbólico há um caminho tortuoso, visto que ela possui dificuldade em aceitar a castração encontrada no Outro, o qual ela acredita ser o tesouro que contém todos os significantes. Este Outro dotado de tantos valores e poderes que não existe como tal – sua mãe – é uma igual a ela. Isto deve-se, segundo Zalcberg (2003) ao resto que a metáfora paterna deixa do Édipo feminino, o que a deixa mais sujeita a ficar presa no olhar do Outro.

“É do olhar da mãe que a filha retira o que ela precisa para constituir sua feminilidade, que passa por esse suporte identificatório no nível do olhar materno. (...) É através desse empenho da menina em poder constituir-se objeto de satisfação para a mãe que ela perscruta o corpo da mãe para conhecer-lhe o desejo e o gozo, especificamente femininos. É uma forma pela qual procura forjar-se uma identificação feminina, já que não pode contar com o significante do seu sexo, como o homem o tem no falo. Mãe, o que é para você ser mulher?” (Zalcberg, 2003,p.139-140).

Essa pergunta que a menina de alguma forma faz à mãe, coloca-a numa posição de buscar no Outro uma resposta a um enigma. Enigma, imediatamente faz lembrar o que ocorreu com Édipo. Este responde ao enigma da esfinge e, a princípio, acaba com a problemática da cidade de Tebas. Entretanto, através dessa resposta faz surgir uma nova problemática: o enigma de menina deve ser respondido por esse grande Outro, primeiramente, a mãe? O que Lacan (1956-57/1995) desenvolve é a revelação de que amar é dar o que não se tem.

“O que intervém na relação de amor, o que é demandado como signo de amor nunca passa de alguma coisa que só vale como signo. Ou, para ir mais adiante, não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem” (p.144).

Ou seja, oferecer a essa menina o que a mãe não tem é a melhor forma de poder se separar e não ficar alienada às respostas da mãe como mulher. É necessária a pergunta, mas dispensável a resposta que inevitavelmente terá, por mais sutil que seja, uma diferença.

Outra perspectiva teórica, um pouco distante, da até aqui realizada, mas que pode ser levada em conta é a teoria de Donald Winnicott, o qual desenvolve elaborações acerca da relação mãe/bebê. Winnicott (1975), apesar de abordar a questão da alienação e separação por um ponto de vista da realidade efetiva do ambiente, apresenta um dado curioso no capítulo que trata do “Papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”. Neste relata quatro casos, todos contendo uma sintomatologia de mulheres com dificuldade referente ao espelho, o qual estava relacionado ao olhar e, em especial, ao rosto materno, que fosse faltoso.

Este autor, entretanto, não desenvolveu nada acerca da construção da feminilidade específica na mulher, mas apresenta mais uma justificativa referente a interferência da relação mãe-filha no crescimento psíquico da mulher. Abaixo um dos casos descritos por Winnicott (1975).

“Uma mulher que passara por uma análise muito longa. Essa paciente viera a se sentir real, já em época tardia de sua vida. (...) Mas ela acha que valeu a pena e eu mesmo aprendi muito do que sei sobre os

fenômenos primitivos através dela. Essa análise envolveu uma regressão séria e profunda à dependência infantil. A história ambiental era gravemente perturbadora sob muitos aspectos, (...) especialmente, ao efeito exercido sobre ela pela depressão de que sofria sua mãe. (...) Tive de deslocar muito essa mãe, a fim de permitir à paciente iniciar-se como pessoa” (p.158).

Esta descrição refere o tema que o autor desenvolveu nas suas pesquisas e trabalho de atendimento clínico com as mães. Winnicott (1999) deixa claro que não há como ensinar uma mulher a ser mãe, mas que a ela cabe transmitir aquilo que a criança sugere estar necessitando. Ou seja, a mãe supõe o que a criança necessita e lhe dá, mesmo não o tendo. Winnicott, apesar de enfatizar a necessidade de um ambiente facilitador e a ação materna suficientemente boa, salienta que “a mãe não precisa saber o que está se passando com o bebê” (p.86). Ela, mãe, precisa acima de tudo estabelecer um contexto de confiança que ultrapassa ordem da comunicação. Esta só aparece a partir dos efeitos da confiabilidade. Assim, ainda segundo o autor, a criança desenvolve-se como sujeito que passa da dependência a independência.

#### **1.4.1 – A ressurgência na adolescência**

A ressurgência, nomenclatura escolhida para designar um momento particular de surgimento de algo que estava adormecido, no caso desta pesquisa a adolescência, é então o momento em que aquela que era menina pode vir a tornar-se mulher, configurando, assim, o terceiro momento da construção do enigma da feminilidade<sup>5</sup>. Um momento em que há que se pensar que além das mudanças corporais advindas da maturação biológica, ocorrem as mudanças psíquicas, as quais são vividas paralelamente com as lembranças da infância. Estas recordações apresentam-se muito vivas, assim como no período anterior. Entretanto, existe uma diferença fundamental: o saber suplementar sobre essas vivências. Um saber que agora não depende somente do Outro materno, mas que está em construção, está sendo subjetivado intensamente e transformando-se numa teoria que lhe é própria, do sujeito. Desta forma, o desligamento da autoridade dos pais, através do qual se cria a oposição, tão importante

---

<sup>5</sup> O primeiro e o segundo são respectivamente as relações iniciais e a experiência do complexo de Édipo.

para o progresso da cultura, entre a nova e a velha geração, é transformado no próprio pathos. É o sofrer pela paixão<sup>6</sup> de ser você mesmo.

Horney (1967) elabora uma contribuição referente ao momento da ressurgência adolescente, importante para tratar a questão da invasão do Real na mulher, trabalhada na obra lacaniana. De acordo com a autora duas condições concorrem para os problemas acerca da feminilidade: primeiro que as primeiras mudanças na personalidade freqüentemente aparecem na adolescência, mas são vistos como uma fase normal e até mesmo esperada, sem caráter patológico, apesar de estes conflitos terem suas bases na primeira infância. Segundo, que essas transformações surgem em torno da época da primeira menstruação, mas somente num momento posterior as mulheres são capazes de atentar para o impacto que esse acontecimento teve no seu psiquismo. A partir das observações clínicas, Horney distinguiu quatro tipos de mudanças possíveis na ressurgência adolescente, as quais podem aparecer de forma mesclada.

No primeiro tipo a menina se envolve em atividades sublimatórias e desenvolve uma aversão à esfera erótica. Consiste de meninas que mostraram uma curiosidade natural em relação a diferenças anatômicas, brincaram com meninos e se sentiram atraídas por eles. Por volta da puberdade, de repente se vêem envoltas com assuntos de outra ordem, religiosa, artística, ética ou científica e ao mesmo tempo perdem o interesse pelo campo erótico. Geralmente a menina que passa por esta mudança não procura tratamento e a família fica satisfeita com este envolvimento intelectual e poucos namoricos. As dificuldades não são aparentes, vindo a se manifestar mais tarde, particularmente após o casamento.

Segundo Horney (1967) as meninas apresentam várias formas de se proteger da ansiedade. Neste primeiro grupo a ansiedade é evitada eximindo-se da competição com as mulheres e quase que completamente do papel feminino. A competição é transportada para o campo mental. Ter o melhor caráter, ideais mais nobres, para ser a melhor estudante é tão distante da competição por um homem que alivia em grande parte a ansiedade. A busca da perfeição ajuda a esquecer os sentimentos de culpa.

---

<sup>6</sup> Considera-se paixão a partir das acepções gregas 'páthos' e 'páschein'. O primeiro refere-se ao discurso de padecimento ou sofrimento da alma, enquanto que o segundo é um indicador do discurso de passivamento da alma, no sentido de que quem passiva, suporta e não aquele que estagna frente a uma situação.

Esta solução radical pode funcionar por muitos anos, mas a ansiedade pode reaparecer quando ela vier a ter contato com um homem e se casar. Muitas vezes observa-se que a capacidade e segurança rapidamente se perdem e a mulher passa a ser infeliz, tem sentimentos de inferioridade, facilmente deprime-se e não assume uma atitude ativa no casamento. Sexualmente frígida e ao invés de ter amor pelo marido desenvolve uma postura competitiva.

No segundo tipo, ao contrário do primeiro, a menina se envolve na esfera erótica (louca-por-meninos) e perde o interesse e capacidade para o trabalho. Apesar de serem meninas muito talentosas e promissoras perdem o interesse em tudo, exceto em meninos. Não se concentram, largam todas as atividades mentais. Ficam completamente absorvidas na esfera erótica. Esta transformação, como a anterior, é vista como natural e defendida com a racionalização de que é normal para uma menina desta idade querer meninos e festas. Certamente o é, mas o que acontece com as tendências que se seguem a isso? A menina compulsivamente se apaixona por um menino depois do outro sem realmente se importar com nenhum deles e após ela ter conquistado alguém ela os larga ou provoca que a larguem. Ela se sente não atraente apesar de o ser e geralmente se esquivava de ter relações sexuais de fato racionalizando que são as demandas sociais apesar de a verdadeira razão ser sua frigidez, que fica evidente quando ela finalmente tem uma relação. Torna-se depressiva ou apreensiva quando não há homens ao seu redor para admirá-la.

Para proteger-se da ansiedade esta menina assume uma atitude competitiva que a leva derrotar uma mulher sempre que tiver a chance. Sua ansiedade está sempre a postos. Sua maneira de evitá-la é colar-se a um homem buscando um aliado. Sua cede por homens não indica necessidade sexual e muitas vezes elas também se mostram frígidas. Quando perdem a admiração do homem, sentem-se inseguras e desoladas. Ter a admiração masculina também evita o pensamento de não serem “normais”. Há muita culpa e medo relacionados com a sexualidade impedindo de ela ser satisfatória. Somente novas conquistas mantêm a ansiedade longe.

No terceiro tipo, a menina se torna emocionalmente “desapegada”, desenvolve uma postura “não estou nem aí”, não se envolve, não põe energia em nada. Ou seja, não investe nem na esfera amorosa nem na esfera mental. Em uma observação superficial ela pode passar a impressão de bem ajustada. Não apresenta dificuldades em fazer contatos sociais, tem amigos e amigas, é sofisticada, fala abertamente sobre

qualquer assunto de ordem sexual, finge não ter nenhuma inibição e às vezes entra em relações sexuais de um tipo ou de outro sem realmente se envolver em nenhuma delas. Ela é desapegada, distante, uma observadora de si mesma e dos outros, uma expectadora da vida. Ela esconde de si mesma seu jeito vago, mas às vezes ela vê claramente que não há envolvimento profundo com nada e com ninguém. Nada importa muito. Existe uma marcante inconsistência entre seus talentos e vitalidade e sua falta de expansividade. Geralmente sente sua vida vazia e sem graça.

As meninas do grupo três paralisam diante das ansiedades, ao contrário dos outros grupos. Ao passo que todas as outras buscam ligar-se a algo (tarefas, homens, mulheres) estas atrofiam suas vidas emocionais e diminuem os riscos e medos. Talvez seja o mais efetivo contra a ansiedade, mas o preço é alto, geralmente significando uma perda de vitalidade e espontaneidade e uma considerável deterioração na quantidade de energia disponível.

No quarto tipo de mudança, proposto por Horney (1967), a menina desenvolve tendências homossexuais. É o mais fácil de caracterizar e o mais conhecido. Aqui a menina se distancia de tudo o que tem a ver com meninos e desenvolve paixão e intensa amizade por meninas com uma conotação sexual que pode ou não ser consciente. Se ela percebe o caráter sexual destas tendências a menina pode sofrer com sentimentos intensos de culpa como se ela fosse uma criminosa. Sua atitude em relação ao trabalho pode mudar. Ambiciosa e às vezes muito capaz, tem com frequência dificuldade de se colocar ou tem crises nervosas entre momentos de eficiência.

Este último tipo procura proteger-se da ansiedade através da compensação. Não odeiam as mulheres, mas as amam. Alguns descrevem a mudança como uma negação completa do ódio. O sucesso desta tentativa depende de fatores individuais. Seus sonhos mostram um grau elevado de crueldade e violência em relação à menina que elas se sentem conscientemente ligadas. Brigas levam ao desespero e beiram o suicídio dando a crer que houve uma reversão do ódio para si mesmas. Como no primeiro tipo, elas abandonam o papel feminino, mas com a diferença de realmente se sentirem homens. Relações não sexuais com homens geralmente acabam em conflitos.

Essas possibilidades de mudanças decorrente do desenvolvimento da puberdade e, mais especificamente, pelo acontecimento da menarca propiciam atentar para o que invade o corpo na ressurgência adolescente. É o Real do corpo que se instala, se escreve e a partir do qual a menina procura várias formas de escrever o que vem de

fora, daquilo que não é passível de explicação, mas sim de tornar-se, inscrever-se no simbólico, através de uma falta. Nesse sentido, Horney (1967) realiza uma teorização importante afirmando que de nada adiantam os esclarecimentos intelectuais referentes às transformações corporais, pois os medos são profundos e não são atingidos pela explicação e que duvida que casos como esses sejam acessíveis a algum tipo de psicoterapeuta com um instrumento que não a psicanálise. Isto porque, em contraste com qualquer sintoma neurótico simples, estes distúrbios indicam uma fundação insegura em toda a personalidade.

Assim sendo, esse momento da vida marcado pelas modificações corporais e também pelas psíquicas é a oportunidade de qualquer ressurgente marcar uma posição frente àqueles que foram os provedores do seu saber. Como, então, é ser diferente e ao mesmo tempo uma? A aposta de que a própria afirmação é necessária, é o início de futuras descobertas e de que a ressurgência é a continuação ou o empedramento da mulher, da mesma forma que o vulcão que jorra seu magma, o qual pode solidificar-se rapidamente ou percorrer grandes distâncias e deixar sua marca durante o trajeto. Esse empedramento refere-se ao não descolamento em relação ao desejo do Outro; a menina que ao invés de ressurgir continua nos lugares mais profundos, no seu inconsciente, como marca da incapacidade de medrar. Diante dessa suposição, é necessário lembrar que Lacan (1972-73/1985) refere que a mulher é não-toda inscrita na castração. Isto deve-se o fato de a mulher ser não-toda, ou seja, que ela está de alguma forma fora da castração a auxilia a se desvencilhar desse Outro. A menina ressurgente, nesse sentido, vira mulher feminina justamente por ter uma válvula de escape, algo que está fora e que ela tenta alcançar. Entretanto, talvez, caiba salientar que esse alcance está marcado pelo falo, pela lei e, assim, ela pode estar, constantemente, usufruindo desse estar e não estar incluída na lei fálica. Trata-se, portanto, da necessidade de poder lidar com o que não está inscrito na ordem do Simbólico, com o Real, que a invade a cada instante, através das saliências corporais e psíquicas.

Segundo Melman (1985), se a menina se afasta da mãe, não é somente pela decepção, mas pelo reconhecimento de que a mãe não saberia transmitir nada, já que seu status não depende de nada daquilo que seria transmissível, que se identificar com ela não tem nenhum futuro e que a menina deve, por sua vez, ela própria e sozinha, adquirir tudo, reinventar tudo. O obstáculo que a mãe pode colocar a que seja feito esse reconhecimento (o da própria castração) pode mostrar-se central na determinação da

construção da feminilidade. E é somente frente à perda da mãe que a menina pode tê-la como inspiração e não protótipo da feminilidade.

A constituição psíquica da mulher feminina está, desta forma, inevitavelmente ligada à castração, mas há algo além dessa marca narcísica deixada pela falta e que parece não estar circunscrita à questão fálica. A feminilidade está para além dela. Lacan (1971-72b/2003) afirma que “é do Real que a mulher toma sua relação com a castração. (...) *O não todas* quer dizer, (...) não [é] *impossível* que a mulher conheça a função fálica” (p.43). Ou seja, é possível que a mulher assuma os riscos que advém do Real, o que não significa que a mulher é uma fora da lei, pois não está fora totalmente. Uma mulher feminina seria capaz de transitar adequadamente entre o que pode e o que não pode, sendo o momento de ressurgência propício para essa experimentação das marcas deixadas pela infância. Lacan bem explicita o estar dentro e fora da lei da castração.

“*Se não todas as mulheres* têm relação com a função fálica, será que isso implica que há aquelas que têm a ver com a castração? Bom! É muito precisamente o ponto por onde o homem tem acesso à mulher. Quero dizer, eu o digo para todos os analistas, aqueles que se arrastam,... enredados nas relações edípicas do lado do pai; ... é que seria preciso que o sujeito admitisse que a essência da mulher não seja a castração e, para dizer tudo, que seja a partir do Real, isto é, colocado à parte um pequeno nada insignificante – não digo isso ao acaso – elas não são castráveis. Porque o falo sobre o qual sublinho que não disse ainda o que é, pois bem, elas não o tem. É a partir do momento em que é do impossível como causa que a mulher não está ligada essencialmente à castração, que o acesso à mulher é possível na sua indeterminação”. (Lacan, 1971-72b/2003, p.43)

### **1.5 – A proposta**

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir a questão da alienação-separação, momento necessário a qualquer constituição psíquica, e vem a ser o grande cerne da questão que a pesquisadora se propôs a desenvolver na construção da feminilidade. A petrificação na alienação impedirá, de alguma forma o desenvolvimento do sujeito e, conseqüentemente, da feminilidade. A separação do Outro fornecerá a possibilidade de

a menina experimentar uma nova forma de conceber o mundo. Sair de um narcisismo, a partir do qual tudo gira ao redor do sujeito, para um narcisismo em que o mesmo está incluído no desejo do Outro, mas não submetida a este desejo.

Desta maneira, a teoria psicanalítica, especificamente a contribuição freudiana e lacaniana, favorecem a elaboração de uma proposta de pesquisa sobre a feminilidade como já justificado anteriormente. O estudo acerca da feminilidade, interrompido por Freud (1933a/1994), deixa a possibilidade de formular um problema dirigido à mulher que ressurgiu, pois é nesse momento de vida em que as vivências infantis retornam e se recolocam que é possível levantar a hipótese de que esse momento é também constituinte.

A problemática estabelecida nesse momento não é masculino versus feminino no sentido de estabelecer diferenças, mas o feminino versus o próprio feminino - da mãe e da filha - entre as quais o amor e o ódio estão interligados, apesar de parecerem, a princípio, excludentes. São duas mulheres ou duas meninas estão nesta ligação? Esse enigma de não se saber o que é uma mulher ou o que é uma menina esconde o enfrentamento do amor e do ódio necessários para que a primeira possa vir a surgir, a se posicionar como tal. O ódio, ao descobrir que sua mãe fálica era, na verdade, castrada, é intensificado pelo sentimento de abandono sentido na separação da relação primordial com a mãe. O reconhecimento de que o falo está em outro lugar é assumir a diferença, assumir a possibilidade de ser feminina. Gianlupi (2003) afirma que não é a diferença anatômica que marca a diferença, mas a “repercussão do complexo de castração que estabelece uma diferenciação fundamental entre os sexos”, pois é pela ameaça de castração que o menino sai do complexo de Édipo, enquanto a menina entra pela mesma ameaça. Sendo assim, pode-se considerar o que Freud (1931b/1974) aponta para a importância da relação inicial da menina, pontuando o complexo edípico feminino como um processo secundário.

Mas, e quando chega o momento de descolar-se da teoria do Outro para construir uma teoria própria, iniciada na infância, especialmente nos primeiros anos de vida, o que fazer com essas marcas e afetos deixados pela função materna? Como se desvencilhar desse espelho que aponta e diz a forma com que a mulher pode construir o caminho para a feminilidade? É chegada a hora de a menina crescer e desejar ser uma diferente de sua mãe. Nesse momento é que ela - menina - que se encontra com ela - mulher feminina. O enfrentamento de que além do reconhecimento materno de que é

uma mulher, há de ter o reconhecimento próprio de ser uma mulher, ser uma mulher feminina.

A relação mãe e filha na construção de uma outra mulher, na construção da feminilidade da segunda, é fundamental, pois ao mesmo tempo em que a mãe é aquela que oferece os primeiros significantes a essa menina, também é aquela que terá que oferecer um novo olhar para esses significantes femininos agora presentes em sua filha. Primeiramente, então, segundo Zalcberg (2003) é uma demanda que possui duas mãos: a demanda de amor à filha e desta a sua mãe, o que faz parte da alienação. Segundo esta autora, o fato de a mulher ter de continuar insistindo na demanda de amor à mãe para dar alguma consistência ao seu ser, turva a distância a ser mantida entre demanda e desejo, dificultando o surgimento deste em sua vida, separado do desejo do Outro.

De menina a mulher: o enigma da feminilidade da clínica psicanalítica é a proposta desta pesquisa que visa elaborar um encaminhamento sobre a constituição psíquica da mulher nos primeiros anos e especialmente no tratamento analítico onde a ressurgência pode vir a se desenvolver, propiciando o desenvolvimento de um sujeito e, conseqüentemente, de uma mulher feminina. Desta forma, o ‘a’ entre menina e mulher não é um artigo definido, mas uma preposição que leva a qualidade feminina, de ser UMA mulher e não A mulher. Isto porque a mulher feminina é uma particularidade que se faz exercer e não algo que já está prévia e determinadamente definido. Desta forma, a mulher feminina não nasce pronta, mas se constrói.

## **1.6 – Considerações sobre o método**

Um método de pesquisa, certamente, está calcado em princípios que possibilitem realizar encaminhamentos consistentes referentes ao problema elaborado. A pesquisa psicanalítica, da mesma forma, possui preceitos fundamentais, apesar de diferir das pesquisas tradicionais. Entretanto, essa diferença refere-se ao controle e não ao rigor. Este último é imprescindível a qualquer pesquisa que objetiva colaborar com a ciência.

Certo é que a pesquisa psicanalítica se distingue da padronização dos métodos qualitativos e quantitativos, pois o inconsciente é o campo principal da investigação psicanalítica, possuindo suas próprias ferramentas, prescindindo de técnicas estatísticas. Um dos principais objetivos é que o pesquisador possa realizar uma travessia que revele um saber pré-existente. Esta passagem caracteriza-se pela

*Erfahrung*, ou seja, a experiência reveladora de um saber, a possibilidade de transformar o dado bruto e sem sentido da escuta em um avanço metapsicológico

O dado de uma pesquisa psicanalítica, normalmente, encontra-se na escuta daqueles que desejam falar de suas paixões. Assim, problematizar e refletir em psicanálise é sempre um evento associado à observação clínica. E, de igual forma, nesta pesquisa que visa investigar a construção da feminilidade na menina, considerando a relação específica mãe e filha, também se utilizará desse recurso para realizar encaminhamentos referentes ao tornar-se mulher.

O recurso da escuta interessa aos psicanalistas, a partir do momento em que o paciente se coloca como aquele que fala, que está marcado pela linguagem. Esta é que fornecerá os dados da pesquisa. Nasio (1993) afirma, nesse sentido, que os psicanalistas se interessam pela linguagem, unicamente no limite em que a linguagem tropeça, nos momentos em que a fala se equivoca e derrapa. É nesse instante que o dado se coloca, apresenta-se para a investigação psicanalítica. É o princípio.

Assim, como escutar o outro sem entregar-se ao ato da fala? Ao psicanalista é requerido, antes de mais nada, a posição de paciente, daquele que, através de sua linguagem, analisa suas falhas e tropeços. É a partir da própria análise que o pesquisador psicanalítico pode surgir. É necessário, então, ser escutado para escutar. Eis a primeira regra fundamental do método da pesquisa psicanalítica, que de saída mostra seu rigor e sua determinação na realização de um empreendimento científico.

### **1.6.1 – Os princípios da pesquisa psicanalítica**

O primeiro princípio da pesquisa psicanalítica está apontado: o pesquisador é o primeiro e o principal sujeito de sua própria pesquisa. É importante analisar os demais pontos imprescindíveis ao método desta pesquisa iniciada por Freud que tem por objetivo investigar o psicopatológico. Os princípios, entretanto, não estão colocados de forma a demonstrar um processo cronológico seguindo etapas, mas um processo que inclui princípios entrelaçados, mas não necessariamente ordenados. Caon (1994) apresenta primeiramente o princípio das situações psicanalíticas: a situação psicanalítica de tratamento (SPT), a situação psicanalítica de supervisão (SPS) e a situação psicanalítica de pesquisa (SPP).

A situação psicanalítica de tratamento (SPT) é a condição necessária e primordial para a realização de uma pesquisa psicanalítica, isto porque é no processo

de análise que o analisante se torna o pesquisador da própria alma e, através dela, tem também o modelo da situação psicanalítica de pesquisa (SPP). Caon (1994) aponta que essas duas situações são semelhantes e atravessadas pela transferência, sendo diferenciadas pelo seu destino. Iribarry (2003) pontua que na situação psicanalítica de tratamento, a transferência deve ser liquidada, enquanto que na situação psicanalítica de pesquisa ela deve ser instrumentalizada para a produção de um texto metapsicológico. Os dois autores apresentam a condição *sine qua non* para uma pesquisa psicanalítica, qual seja, a transferência.

Como já referido, a pesquisa psicanalítica inicia no divã e pode ser continuada na situação psicanalítica de pesquisa, pois nem tudo se encerra em uma análise. Esta é na verdade interrompida, deixando restos que não são passíveis de análise. Esses restos são os registros psíquicos marcantes do sujeito e que não são possíveis de se esgotarem em uma análise, conforme aponta Silveira (2003). Esses restos possuem vicissitudes diferentes e uma das possibilidades é torná-los questões de pesquisa. Dessa forma, é a partir destas questões restantes que os pesquisadores psicanalíticos realizam seus trabalhos mestrais e doutorais.

A situação psicanalítica de supervisão é um momento importante em que há a escuta da fala daquele que escuta, ou seja, a escuta que um psicanalista experiente oferece ao psicanalista em formação, segundo Silveira (2003). A transferência, nessa situação, também é revelada e seu destino será semelhante ao da situação psicanalítica de pesquisa, isto é, será instrumentalizada para transmissão e construção do saber clínico. Esse trabalho de construção no espaço de supervisão favorece ao psicanalista novato descobrir o tipo de traço que caracteriza sua clínica, sendo este um outro ponto fundador da pesquisa psicanalítica. Isto porque ao descobrir a marca da clínica, aquela que interroga o psicanalista, o que se coloca como possibilidade é ponto de investigação de uma pesquisa. E, mais uma vez, é necessário ressaltar o acontecimento da transferência, esclarecido por Caon (1994).

“A identificação do processo de transferência, em vista de sua instrumentalização, toma um caminho e um destino específico, na situação psicanalítica de supervisão, e outros na situação psicanalítica de pesquisa. Insistimos que somente é possível instrumentalizar a transferência através de dispositivos técnicos capazes de redimensioná-lo em processo de

produção de um texto metapsicológico, como ocorre na situação psicanalítica de pesquisa, ou capazes de redimensioná-lo em processo de transmissão de um ‘savoir-faire’, como se passa na situação psicanalítica de supervisão” (p. 148).

As situações psicanalíticas acima referidas formam o alicerce para a investigação psicanalítica propriamente dita, a qual ainda inclui outros princípios e processos metodológicos também importantes para o desenvolvimento da pesquisa psicanalítica. Entre eles, a serendipidade, o solipsismo metodológico, a *Erfahrung*, as alteridades e o *Publikum*.

As descobertas do pesquisador na situação psicanalítica de tratamento e na situação psicanalítica de pesquisa ocorrem no campo do inconsciente, mas como elas surgem? Caon (1997) descreve o modelo do pesquisador psicanalítico através de um conto de Horace Walpole, chamado “The three princes of Serendip”, no qual o escritor conta uma história sobre a busca de três homens, que sem pretensão de fazer grandes achados, faziam descobertas acidentalmente, mas de forma alguma ao acaso, pois descobertas são achados desejados, segundo Caon. O processo nomeado, por esse autor, de serendipidade traça a forma como o pesquisador psicanalítico desenvolve seus estudos, sendo uma das maneiras que permite ao pesquisador ir ao encontro das questões inconscientes. Os achados de pesquisa são, assim, inesperados, involuntários, não premeditados e nem projetados, e, necessariamente, desejados.

Desta forma, “para o pesquisador psicanalítico, nenhuma descoberta acidental é inintencional, pois que ela é determinada pelo inconsciente” (Caon, 1997, p. 111). Para isso, é necessário enfrentar as resistências. A pesquisa psicanalítica procura demonstrar os procedimentos da pesquisa em si, ou seja, tende a não omitir os detalhes pessoais e os eventos fortuitos, pois estes, muitas vezes, são os que irão indicar o caminho para a descoberta desejada. As descobertas acidentais de uma pesquisa psicanalítica são, fundamentalmente, formações do inconsciente. Segundo Caon, “o estado mental de serendipidade corresponde justamente ao primeiro momento da prática de investigação realizada pelo pesquisador psicanalítico na situação psicanalítica de pesquisa em geral. Corresponde à especulação metapsicológica inaugurada por Freud desde os primórdios de suas pesquisas psicopatológicas” (p. 113). Sem esse momento, o próximo passo acerca da crítica ficaria estéril, e a pesquisa não se realizaria.

Para desvendar e fazer as descobertas advindas do inconsciente ainda se passa por um processo denominado solipsismo metodológico, momento este em que a alteridade quase inexistente, a partir do qual o “pesquisador pesquisa seguindo o modelo da alucinação, do sonho, do delírio e do devaneio” (Caon, 1994, p. 154). Funda-se, assim, uma experiência subjetiva, que em alemão denomina-se *Erlebnis*, a “vivência [que] é um aspecto que sobrevive ao solipsismo” (162). Este processo metodológico é um momento em que o pesquisador deixa fluir o que vem do registro do Real, escrevendo cada associação que lhe ocorre, semelhante a uma análise na qual o paciente fala livremente, experencia uma vivência de estar na insocorridade, pois não há socorro, mas a testemunha do Outro, sujeito suposto saber que é o analista, suporte necessário para que se possa escrever uma borda, algo que demarque o que é escrito e o que será inscrito. Nesse sentido, “a adoção do solipsismo metodológico implica a aceitação do outro, da alteridade” (p. 163), que dirigirá a produção do pesquisador, por isso o solipsismo é considerado um método de construção de conceitos que transforma o aprendizado do pesquisador em saber a partir da escuta daquele que “ocupa o lugar de sujeito suposto saber sem perturbar o saber dum sujeito assujeitado que se debate contra o saber que o constitui e o determina” (p.165).

Essa experiência transformada em aprendizagem é denominada *Erfahrung* e é a principal experiência que caracteriza a experiência psicanalítica. A *Erfahrung* – experiência transformada em aprendizagem – advém do trabalho concomitante com as alteridades responsáveis em proporcionar ao pesquisador um redimensionamento do texto através das intervenções críticas e salutares à produção em construção a eles apresentado, segundo Caon. Essa alteridade é aquela que tem acesso ao texto da pesquisa ainda em produção e que diante da análise do texto oferece ao pesquisador ressonâncias diretas. Denomina-se essa alteridade de *Publikum*, diferente do público nomeado de *Öffentlichkeit*, o qual tem acesso ao texto concluído em forma de publicação. O primeiro é o motor que permite o autor da pesquisa redirecionar e redimensionar seu trabalho para a construção do caso e do ensaio metapsicológico. É o momento em que o pesquisador escuta as ressonâncias do campo do inconsciente, assim como Freud fazia ao corresponder-se com Fliess.

Freud, segundo Caon (1994) estava permeado constantemente tanto pela concepção romancista, quanto pela científica. A primeira caracterizada como a “especulação metapsicológica, pela qual o pesquisador psicanalítico pesquisa seguindo

o modelo da alucinação, do sonho, do delírio e do devaneio, onde a alteridade quase inexistente” (p.154). A segunda caracterizada “como crítica metapsicológica, pela qual o pesquisador psicanalítico pesquisa segundo o modelo da percepção, da alteridade, do diálogo e da discursividade” (p.154).

A pesquisa psicanalítica tem, em suma, um método voltado para a própria experiência, diferentemente da experiência do cientista de laboratório nomeada em alemão de *Experiment*, e exige que o pesquisador esteja permanentemente atento para as questões inconscientes, o seu principal objeto de estudo. Objeto esse que só pode ser aprendido através e a partir da subjetividade do investigador, ou seja, o observador é ele mesmo, o seu objeto de estudo.

## II – MÉTODO

No capítulo anterior foram apresentados os fundamentos e os princípios que regem o método da pesquisa psicanalítica. Nesse momento, expõem-se a fonte dos dados da pesquisa, os instrumentos e os procedimentos para a coleta dos dados, bem como o procedimento de análise dos mesmos.

### 2.1 – A fonte dos dados: sujeitos e participantes

Nas pesquisas tradicionalmente conhecidas observa-se uma equivalência dos termos participantes e sujeitos de pesquisa, o que indiscriminadamente também estava ocorrendo na pesquisa psicanalítica. Entretanto, diante de uma análise mais pormenorizada, sugere-se diferenciar sujeito e participante na pesquisa psicanalítica.

No capítulo um, diz-se que o pesquisador é o primeiro sujeito de sua pesquisa. Ou seja, o pesquisador se submete aos princípios do funcionamento do inconsciente, deixando-se ser atravessado por associações a partir daquilo que escuta na fala dos pacientes, futuros participantes. Participantes estes que estão no processo de análise, também submetidos a um processo no qual o inconsciente é quem se coloca. Entretanto, a posição ocupada por ambos é diferente. O pesquisador não pode ser aquele que faz parte dos dados, mas como sujeito da pesquisa ele é um meio de processar os dados através do “processo transferencial instalado nos tratamentos psicanalíticos, transferência essa que serviu de base às especulações do pesquisador” (Barth, 2003, p. 44).

O participante, por outro lado, através das suas associações estará participando da pesquisa de sua vida, a qual fornecerá os dados que serão utilizados para a construção do caso confeccionado e ficcionado pelo sujeito pesquisador. Por isso, considera-se que o sujeito da pesquisa também é uma fonte de dados, a partir do momento em que trabalha e retrabalha com os dados oferecidos pelos participantes na sua análise e na supervisão clínica.

Realizada essa diferença, os participantes dessa pesquisa, a segunda fonte de coleta de dados serão as pacientes escutadas na clínica da pesquisadora. A partir da escuta dessas pacientes é que a autora identificou o traço marcante de sua clínica: a dificuldade na construção de uma feminilidade outra que não a materna, decorrente da dificuldade de separação.

Cabe salientar, desta forma, que o caso construído tem presente a fala e as associações não de uma única paciente no período psicológico denominado adolescente, mas de meninas e mulheres que se encontram num período de ressurgência, este propício para as mudanças necessárias a um novo questionamento para além do que é ser uma mulher.

## 2.2 – Instrumentos e procedimento para coleta de dados

O trabalho de pesquisa tem como instrumento de coleta de dados primeiramente a escuta clínica de pacientes com dificuldades de separação. A entrevista com os pais, principalmente as realizadas com a mãe dessas pacientes, serão utilizadas para apresentar a alienação e separação entre mãe e filha, conseqüentemente auxiliando na construção do caso metapsicológico.

Sobre a construção do caso, é importante esclarecer que ela se refere à conjunção de fatos clínicos que dizem respeito ao objeto de estudo, nesta pesquisa sobre a construção da feminilidade. A construção do caso não é um estudo de caso, mas é o meio utilizado para que a hipótese metapsicológica possa ser transmitida, a qual, de acordo com Moura e Nikos (2001), é realizada a partir dos registros no diário metapsicológico de campo e das pontuações das alteridades da pesquisa, no caso, o orientador, o supervisor clínico, a comissão examinadora e o cartel de escritura<sup>7</sup> – *Publikum* – os quais acompanham a produção da pesquisa em *status nascendi*.

Ainda sobre a construção e o estudo de caso, pode-se dizer que no segundo está presente uma série de fatos relatados numa ordem de acontecimentos, os quais lembram mais a descrição de experiências que determinada paciente passou, gerando possíveis interpretações. Na construção de caso, essa descrição pode até estar presente, mas o mais importante é que na construção ocorre uma repetição de fatos clínicos que levam ao questionamento realizado pelo paciente, em sua análise. Ou seja, a construção do caso, pode ser comparada a uma sessão psicanalítica na qual o pesquisador/analista escreve os fatos clínicos escutados sem necessariamente uma ordem cronológica, mas imediatamente salta aos olhos uma falha na escrita que, de forma alguma, deve ser corrigida, mas escutada como um ato falho que faz levar adiante a construção, a ficção baseada na problemática investigada pelo pesquisador.

---

<sup>7</sup> Trabalho realizado a partir do texto do autor. O pesquisador oferece seu texto para ser lido por um componente do cartel, ficando aquele escutando a leitura e os comentários sobre o texto escrito.

Retornando aos materiais para a coleta de dados, a pesquisadora ainda lança mão das sessões de supervisão clínica. Esse momento, que pode ser caracterizado como um instrumento, é também um procedimento necessário para identificar os significantes referentes à questão de pesquisa e que darão subsídios para o encaminhamento a respeito sobre o que pode ser apontado sobre a construção da feminilidade na menina, considerando a relação específica mãe e filha. Assim, esta será uma forma primeira de análise dos dados, a partir dos quais o caso começa a ser tecido.

No momento de supervisão clínica identificam-se os significantes a partir dos fatos clínicos que “são aquilo que observamos naqueles momentos em que está ocorrendo a análise” (Caper, 1996, p. 13). São eles que oferecem à psicanálise um status e uma contribuição científica, pois demonstram que um fato deve ocorrer diante de determinadas condições. O autor acima referido aponta que é necessário que o aparelho psicanalítico do analista esteja funcionando adequadamente. Para tanto, pode-se sustentar que o analista tem que enfrentar suas próprias resistências e não prescindir da instalação da transferência, pois são esses dois acontecimentos que irão balizar os fatos clínicos.

Quinodoz (1986), nesse sentido, avaliza o acontecimento de fatos clínicos decorridos de uma situação analítica, em que o analista apreende os elementos significativos na relação transferencial que são passíveis de serem trabalhados e transformados pela interpretação. Pode-se, assim, sugerir que o fato clínico seja captado através da escuta dirigida pelo olhar, para num momento posterior ser analisado pela leitura dirigida pela escuta.

Ainda cabe salientar o que afirma O’Shaughnessy (1986) sobre os fatos clínicos: “eles [os fatos] dizem como o mundo é, mas também estão condicionados à nossa espécie, à nossa linguagem, à nossa teoria. Reivindicar um fato em qualquer disciplina (...) é reivindicar uma verdade que não é infalível ou única para o fato, e que também deve oferecer-se à verificação” (p.34).

Os fatos clínicos levantados nas sessões clínicas e sessões de supervisão são registrados no Diário Metapsicológico de Campo (Iribarry, 2003). Esse diário é o local de registro das observações, das associações significantes do pesquisador que serão utilizados para compor o texto metapsicológico. Nas palavras de Iribarry, “o diário clínico permite que o pesquisador deixe fluir associações significantes formando uma trama, um tecido textual, em que sua experiência fica registrada” (p.12). Desta forma,

os registros são realizados a qualquer momento, não havendo um número de participantes rígidos, nem um número predeterminado de encontros com os colaboradores. Isto porque o objetivo é realizar a construção do caso e não de um caso específico. Um caso é marcado pela figurabilidade do texto teórico, segundo Fédida, (1992), sendo possível, a partir da capacidade ficcional, produzir modelos clinicamente deformáveis e transformáveis, visto que cada caso é um caso único.

### **2.3 – Procedimento para a análise dos dados e a construção do caso**

Na medida em que ocorreu a coleta dos dados, os mesmos foram submetidos a uma análise supervisionada (alteridade), para que fosse possível destacar os achados da pesquisa. A partir da situação psicanalítica de supervisão, a pesquisadora transformou os dados e os achados num texto, o qual foi analisado através da leitura dirigida pela escuta, segundo Iribarry (2003).

A leitura dirigida pela escuta tem por base o trabalho clínico, ou seja, a escuta dirigida pelo olhar que visa identificar os significantes da fala do paciente. O texto construído para análise dos dados será tratado e transformado, a partir da leitura dirigida pela escuta, em um ensaio metapsicológico, o qual fará parte da discussão dos resultados. De acordo com a proposta de Caon (1994) “O texto [ensaio] metapsicológico, diferentemente de qualquer outro texto (...). É um texto essencialmente inconcluso e marcado por um buraco, a partir do qual o pesquisador psicanalítico paradoxalmente se sustenta” (p. 150). Esse texto produzido pelo pesquisador oportuniza que o mesmo se torne um autor que se deixou levar pelas suas associações e segue seu destino de ter se transformado e redimensionado no processo final da pesquisa.

### III – RESULTADOS: CONSTRUÇÃO DO CASO

A partir deste capítulo o leitor acompanhará a construção de um caso que se inicia no momento da ressurgência, ensejo marcado não por um determinado período de tempo, como já esclarecido no capítulo I, mas por um processo de revelações acerca da questão da alienação e separação femininas. Desta forma, a idade cronológica é prescindível, visto que a ressurgência pode vir a ocorrer na idade demarcada pela adolescência ou mesmo numa mulher considerada no seu desenvolvimento maturacional como uma adulta.

A construção do caso, então, foi realizada pela escuta de pacientes que tinham como questão a invasão do grande Outro materno. A partir desta escuta, direções de tratamento foram sendo traçadas para a paciente, chamada de Helena, que se encontrava em sofrimento.

Desde o início de seu tratamento, Helena repete uma questão referente ao não discernimento entre ela e o Outro materno, conseqüentemente quanto à construção da sua feminilidade. Seu choro revela uma angústia que muito tem a ver com sua história remota. História que mais do que nunca se coloca no presente, especialmente no espaço que agora consegue dedicar a si mesma – o espaço analítico.

Passemos agora para às considerações e aos fatos clínicos que propiciarão a articulação da problemática do caso e a posterior construção do ensaio metapsicológico. Adianta-se que em alguns momentos o leitor poderá questionar-se a quem a analista está se referindo, à mãe ou à filha, devida a intensidade da indiferenciação entre elas. Esse ponto será trabalhado na discussão dos resultados, pois em uma pesquisa psicanalítica os enganos/dubiedades produzem uma interrogação necessária para que a direção do tratamento possa vir a ocorrer.

#### 3.1 – O encontro com Helena

Um nome não é nada fácil de encontrar. Se o procurarmos dificilmente o acharemos, mas se seguirmos o que ocorre no nosso inconsciente, com certeza, ele será por si só uma formação inconsciente. Pelo princípio da serendipidade, a autora da pesquisa pôde escutar o que esse nome, que surgiu na forma de um lampejo, pode significar. Mais do que uma nomeação e um significado, era o encontro com uma paciente específica que trazia consigo indagações acerca da sua particularidade

enquanto sujeito, o que acabava dificultando o desenvolvimento da feminilidade. Estas interrogações permeavam o seu discurso durante suas brincadeiras ou mesmo quando resolvia sentar-se na poltrona para falar.

Posteriormente, fui percebendo que esse nome, muito utilizado na literatura e na dramaturgia, por exemplo, em Homero e em Machado de Assis, descreviam mulheres imaginariamente femininas, mas com um sofrimento em comum. Machado de Assis (1876/2003) descreve essa oposição feminina claramente:

“As mulheres que são apenas mulheres, choram, arrufam-se ou resignam-se; as que têm alguma coisa mais do que a debilidade feminina, lutam ou recolhem-se à dignidade do silêncio. Aquela padecia, é certo, mas a elevação de sua alma não lhe permitia outra coisa mais do que um procedimento altivo e calado. Ao mesmo tempo, como a ternura era elemento essencial a sua organização” (p.23)

Helena, nome encontrado para representar o sofrimento de mulheres que possuem uma dificuldade particular em tornar-se uma mulher feminina, parece demonstrar a marcante diferença entre a volatilidade e o vigor feminino muito salientado nas mulheres. Ou seja, a sensibilidade sempre destacada nas mulheres femininas, bem como a sua força em enfrentar situações inusitadas.

### **3.2 – O princípio**

Ao chegar para tratamento, Helena vem acompanhada pela sua mãe, a qual fala por ela. A queixa versa sobre as dificuldades de concentração e atenção de Helena acerca de qualquer assunto que não diz respeito ao seu interesse, o que facilmente aparece nos temas escolares. Nessa primeira sessão, Letícia revela dados importantes desde o princípio da concepção de Helena.

Letícia, casada há alguns anos, sentia-se muito sozinha e, quanto a isso, faz uma observação: “O meu marido quase não parava em casa, e eu via as mães sempre com seus filhos por perto e então pensei que seria uma boa companhia”. Assim, Letícia continua, com sua versão sobre os cuidados que sempre teve com Helena, para que ela pudesse crescer ao seu lado e ser sua melhor amiga. Entretanto, Helena não é a primeira filha a ser gerada, mas é a segunda.

Dois anos antes de engravidar de Helena, Letícia e Luiz tiveram Helenize, que faleceu quando tinha um ano e meio de idade, devido a uma parada respiratória decorrente da asma. A mãe relata que Helena, ao nascer, era muito parecida fisicamente com sua primeira menina, a qual “encheu a casa de muita felicidade”. E assim se inicia o tratamento de Helena, através da fala de sua mãe e do fantasma de sua irmã.

### **3.3 – Como Helena se apresenta**

Helena tem dez anos e apresenta algumas dificuldades visíveis, como na própria fala. Havia palavras que não pronunciava claramente, por exemplo, óculos, os quais chamava ‘zóico’. Outra dificuldade era a destreza no escrever, a qual era muitas vezes insuficiente, o que indignava sua mãe. Helena desconfiava que de alguma forma deveria proteger-se e a ilegibilidade de sua letra era uma forma.

Essas dificuldades não provinham de nenhum problema neurológico, segundo diversos exames realizados na menina. A médica corrobora esta percepção da analista em seu diagnóstico.

Helena adora jogar o jogo do burro, o qual foi tema predileto das suas sessões durante muito tempo. Burro era quem perdesse o jogo. Era também, o adjetivo que qualificava Helena diante de seus pais e de seus irmãos. Ela era, então, o que tinha de mais precário nessa família, a filha que não deu certo.

Por outro lado, Helena revela uma outra que não é burra, mas se faz de burra. É desta forma que enfrenta a todos e, principalmente, sua mãe ao dizer que é ela que tem de fazer seus temas, pois ela própria não sabe. E é nesse instante que demonstra sua raiva e brutalidade, escondida atrás da sua burrice, por aquilo que lhe exigem, ou seja, que ela seja uma boa menina. E, assim, fazendo-se de burra enfrenta a todos.

### **3.4 – O tratamento**

As sessões de Helena ocorriam com uma frequência determinada, ao passo que as sessões com Letícia e Luiz eram realizadas de acordo com a necessidade percebida pela analista ou pelos próprios pais. Estes eram também atendidos individualmente.

Transcorrido o tempo em que Helena dedicou-se a falar através de sua burrice, a qual não era efetiva, um fato marca sua análise. Helena chega ao consultório e pede para desenhar. Cerca-se de papel, lápis de cor e caneta hidrocor para dar início a um desenho muito claro, sem garranchos e com cores bem definidas. Era a bandeira do

Brasil. Mas o que ela estava tentando falar através dessa projeção? É uma pergunta que fica à espera de alguma resposta. O fato é que Helena apresenta algo diferente do jogo de cartas. O seu tratamento toma um rumo de “ordem e progresso”. Provavelmente, era o que Helena estava tentando dizer quando na sessão seguinte algo ainda mais inusitado ocorre.

Helena pergunta se pode plantar um pé de feijão. Assim é feito com um pedaço de algodão, dois grãos de feijão e um pouco d’água naquele dia. Na sessão seguinte, ela continua a cuidar do seu pé de feijão, plantando-o num vasinho com terra. Todavia, não quer plantá-lo sozinho num vaso. A intervenção realizada procurou demonstrar à paciente que essa planta pode ficar ao lado das outras, mas precisa ter o seu próprio lugar, não sendo possível plantá-lo junto à outra planta, como por exemplo, a violeta. É marcada a diferença, pois todas são plantas, mas nem por isso não<sup>8</sup> iguais, pois a violeta produz flores, ao passo que o pé de feijão fornece alimento. Helena concorda e deixa a muda de feijão no seu vaso solitário, mas acompanhado das violetas e lírios ao seu redor.

Entretanto, a sua indignação é demonstrada quando nas sessões seguintes se ‘esquece’ de cuidar do seu pé de feijão, levando-o a fenecer. Ela também ignora esse fato até que seja apontada para ela a morte de sua planta. Ela, prontamente, quer plantar outra no lugar, mas logo se desloca e nada mais faz com aquele pouco de terra ali guardando uma raiz e uma semente seca. É como se desistisse de lutar por aquilo que semeou, pois ainda não sabe como se cuidar e ainda há necessidade de um amparo. E, ainda mais, Helena pode estar querendo dizer que o que morreu não pode ser substituído. Helena realizou uma tentativa de separação que, a princípio, parece precoce, mas ela pode estar, nesse momento, dando um passo para separar-se do fantasma fraterno. Ou ainda, separar-se da função suposta que esta criança morta teria para o Outro materno, qual seja, de trazer a alegria ao lar, mantendo a não-castração materna, que ela, Helena, como duplo de Helenize, teria que suprir e preservar o outro materno da castração.

Helena mostra, através desses fatos, sua dubiedade, seu conflito em ser a menina da mãe, a menina que traz a felicidade, a alegria da casa, como supostamente fez sua irmã mais velha ou em ser simplesmente Helena, uma outra menina, uma outra mulher

---

<sup>8</sup> Ato falho durante o processo da construção do caso, que será analisado na discussão dos resultados como formação do inconsciente.

com sua feminilidade. Ela, desta forma, procura desvendar o enigma de viver em outro vaso, o enigma da ordem e do progresso. Ou seja, de ser Helena!

### **3.4.1 – Um pouco mais sobre a mãe**

Letícia ao falar à analista, em alguns atendimentos que foram dispensados a ela, continua a indagar a capacidade da filha, supondo que tudo dependa dela, que Helena nada sabe fazer. Letícia parece esperar essa incapacitação para a filha, pois o que Helena faz é desqualificado e ignorado. Helena, por exemplo, possui certa habilidade em desenhar, mas sua mãe diz: “Só faz sujeira, depois eu ainda tenho que limpar!”, “Eu fico brava quando Helena começa a desenhar, porque ela só faz umas caricaturas, umas coisas feias; não faz uma paisagem, assim bonita”. A queixa de Letícia continua sendo a sua insatisfação com a filha, provavelmente pelos passos até agora dados por Helena no tratamento, os quais estão cada vez mais longe das expectativas maternas, e o seu desenho é mais um dado que demonstra o horror que está dentro de si e o quão difícil é se apresentar como ela mesma e não segundo a expectativa materna.

Helena, agora com quase doze anos, traz à tona outras preocupações para a mãe. Letícia fala da modificação corporal que ocorre em Helena, comentando que a qualquer momento ela pode vir a menstruar. Isso faz a mãe ficar na dúvida sobre o que dizer a Helena, pois novamente Letícia supõe que sua filha possa não compreender o que ocorre no corpo de uma menina-moça. Teme que Helena possa se assustar. Letícia não percebe o quanto sua filha está crescendo. E passado mais alguns meses de tratamento, esse fato vem a confirmar-se quando deixa escapar “Quando ela menstruou, parece que envelheci 12 anos!” ao que imediatamente a analista pontua: “Doze anos? Não é essa a idade de Helena?” A mãe imediatamente coloca-se a rir e a questionar se não pressiona e protege demais Helena.

Este é um passo importante dado pela mãe, mas ainda insuficiente, pois Letícia, imaginariamente sabe, que Helena está crescendo e que, quanto a isso, não tem mais controle, pois as paixões amorosas virão. E, ao perceber os interesses amorosos, Letícia fica muito abalada, torturando a filha com suas misérias e, por conseqüência, Helena não cuida das suas próprias misérias, que ainda estão indiferenciadas das da mãe, pois, de alguma forma, ainda supõe ser o complemento da felicidade da mãe.

Outro momento em que a mãe reflete seu desespero referente ao destino da filha é quando quer que Helena se distraia dos pensamentos amorosos: “Quero que tome seu

tempo com curso, pois assim ela pára um pouco de pensar em namoricos”. Percebo, nesse momento, o conflito de Letícia ao notar que a sua companhia já tinha outros interesses, para além da vontade materna. E, que estava mais do que na hora de deixar de oferecer a Helena cuidados excessivos e pensar no que seria bom para ela.

### **3.4.2 – A reação de Helena**

Helena relutou um pouco diante do que estava acontecendo com ela. De alguma forma não queria menstruar e nem usar absorvente, mas esse fato veio a modificar inclusive sua posição no tratamento. Helena, que brincava muito no chão, com jogos, inicia uma série de vai-e-vem, entre o chão, a mesa e a poltrona. Ora brincava como uma menina, ora sentava na poltrona, falando ou não.

Nas sessões que transcorreram entre esse vai-e-vem ela dizia ‘Não sou mais criança, né?’. Questiono: ‘Não és mais criança e agora Helena?’ Ao que ela responde: ‘Sou uma moça’. E a isso se soma uma série de sessões<sup>9</sup> em que ela não ocupava somente um dos espaços, mas tomou conta de todo ele quando resolve brincar sobre o dia-a-dia de uma casa. Durante cinco sessões, em cada uma delas, ela retratava uma parte do dia iniciando pelo café-da-manhã<sup>10</sup> depois o almoço, o trabalho, a janta e o dormir.

Passado esse tempo, Helena começa a pensar muito, fala muito pouco e brinca também muito pouco. Nesse momento parece ocorrer uma desistência de Helena em atentar para o que pode ser modificado. Ela rende-se mais uma vez ao desejo da mãe, afirmando que a mãe sempre tem razão e que ela não consegue fazer nada sozinha. Entrega-se através de um: “Tenho que me conformar”. Com-formar? Nesse instante, encontrou-se uma oportunidade de Helena novamente enfrentar o que a formava.

### **3.4.3 – O questionamento de Helena**

Helena se põe a pensar e também a se olhar. Percebe que algo está ocorrendo em seu corpo, mas para ela essa invasão de hormônios tem um sentido muito maior e ainda não nomeado. Fica intrigada, com dúvidas, comenta que não sabe explicar. Explicar? Será que tem de explicar?

---

<sup>9</sup> ‘se sessões’ – formação inconsciente que será retomada no capítulo IV

<sup>10</sup> ver nota anterior

Helena sente-se tomada em seu corpo pelo processo natural do amadurecimento constitucional de qualquer mulher, qual seja, de novas formas visíveis diante de um espelho. “Levei um susto esses dias quando vi meu corpo diferente, quando me olhava no espelho”. Aquela menina ou aquela mulher? O que estava ocorrendo? Mas esse espelho mostra além de uma nova forma, uma nova reflexão. “Esta forma que vejo...”, diz ela, “muda também meus pensamentos”. Helena é invadida de novos pensamentos. Talvez não tão novos assim, mas bem guardados, é a hipótese da analista, já que além do burro, outro jogo que adorava era o de memória. O que queria lembrar, ou esquecer?

Pensamentos, pensamentos...

Helena está saindo de algum lugar quando se questiona sobre a forma imaginária de seu corpo e da sua própria forma de pensar. Por outro lado, há uma situação que intriga a analista: O que dizem os seus pensamentos? Isto porque Helena se põe a pensar e pensar, sem nada pronunciar. Um silêncio que fala de seu tormento interno e que, nesse instante, impede-a de dizer algo. É possível que ela esteja se protegendo para não cair numa nova enrascada, pois a mulher analista pode saber dos seus pensamentos. Entretanto, não é um saber prévio, mas um suposto saber, posterior, quando Helena se oportuniza a experimentar a fala que suas palavras constroem. Quando diz: “Não sei o que falar! Parece que tudo que vem para que eu fale não é meu, parece que não sou eu que penso assim”, Helena está produzindo uma elaboração importante, pois o que fala é dela, mas ela ainda não se apropriou. De alguma forma ainda está alienada e iniciando um movimento em direção à separação.

#### **3.4.4 – Uma parada para o silêncio**

Após esses questionamentos, Helena passou por um período difícil em que parecia nada produzir em análise. Seu silêncio era o momento mais angustiante e o mais esperado. Esse silêncio que parecia estar demonstrando resistência ao trabalho analítico foi transformado no espaço de maior produção de sua análise, visto que era ali que ela podia pensar sem ser pensada previamente.

Aos poucos, a analista acompanha a construção feita por Helena acerca do enigma apresentado por ela, o qual era único e, portanto, somente seu. E como revelar esse enigma? Será que há uma única resposta? Helena agora escuta o que fala como uma. E se é UMA, não é A, aquela a quem deve corresponder a demanda.

### 3.4.5 – A descoberta do sujeito

Certa vez, Helena chega ao consultório e diz que veio na doutora. Ao ser indagada sobre o que a fazia percorrer esse caminho, ela diz: “Vim para falar”. Helena sabia que espaço era esse, sentia que a análise poderia ter um efeito, e, assim, começou a se levar pelas associações<sup>11</sup>. Não eram mais os pensamentos maternos que atormentavam Helena, eles faziam parte dela, não havia como fazer desaparecer, mas processá-los através do que fazia ela, Helena, falar. Assim, revelando os seus pensamentos, a sua forma de viver no mundo e não a do Outro materno. Desta maneira, Helena pôde olhar para a mãe Letícia, rever a sua posição frente a essa mãe que apenas era mais uma mãe preocupada com seus filhos, de forma atrapalhada e invasiva. Agora ela se questionava: “Porque eu a deixo entrar?” Helena tem uma hipótese: “Não é o problema tê-la dentro de mim, uma vez que posso permitir sua entrada. Ela faz parte de mim, ela também é mulher. Mas por que não permito da mesma forma que ela saia? Por que tento ser uma mulher como ela? Posso ser diferente, mas é difícil”. Era difícil ter a sua feminilidade que levemente começava a surgir pelo fato de estar se separando.

### 3.5 – O seguimento da análise

Helena então percebe o quão complicado é para uma menina tornar-se uma mulher feminina. A princípio, tinha dificuldade de seguir um caminho outro que não o já traçado por sua mãe, também mulher. Havia, portanto, que seguir e descobrir o que a fazia também uma mulher para além do seu corpo, ser uma mulher feminina. Mas essa resposta não estava em um outro ser mulher, mas estava na mulher que dela fazia parte, que dela brotava. Helena se viu, então, como uma outra, e isso a fez levantar uma hipótese de que havia de seguir sozinha. Plantada em outro vaso, germinando uma outra semente, ser única.

Daqui para frente Helena seguiu seu tratamento apontando uma descoberta de que era uma outra, separada de sua mãe. Esse ponto de se deparar com o diferente possibilitou que Helena pudesse continuar associando a cada sessão e um indício de sua feminilidade pôde, a partir desse momento, ser apontado, quando uma antiga fala “Ficarei aqui até os 15 anos”, constantemente repetida, ficou para trás, pois enunciou

---

<sup>11</sup> Helena, que sempre ia acompanhada pela mãe, também havia começado a ir sozinha até a sua análise.

para a analista que agora era capaz de seguir seu caminho. Helena estava abrindo possibilidades para sua vida de ser autora do percurso que estava agora implicada.

Quanto a sua mãe, Helena parou de se rebelar e de achar que tudo se devia ao excesso de cuidados e medos maternos. Afirmou que aquela era a mãe dela, a qual oferecia em excesso o amor, que provavelmente não tinha recebido.

## IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: ENSAIO METAPSICOLÓGICO

Este capítulo da pesquisa psicanalítica tem como objetivo realizar uma discussão sobre os resultados em forma de ensaio, ou seja, um texto que aborda os fatos clínicos apontados, na construção do caso, sobre o enigma da feminilidade. O ensaio, desse modo, apresenta possíveis encaminhamentos acerca do que pode ser proposto sobre a construção da feminilidade na menina, considerando a relação específica mãe e filha. O ensaio metapsicológico, portanto, não visa um fechamento da questão, pois a cada caso a particularidade da feminilidade deverá ser novamente retomada e reformulada.

### 4.1 – Ensaio de menina

A criança, ao nascer, oferece à mãe a possibilidade de manifestar a alegria do que pode ser denominada uma produção. Uma produção que, pelo menos, imaginariamente, possui uma co-autoria, a saber, o pai da criança. Esse pai pode vir a fornecer à criança, através do dizer de sua fala, uma diferença que marcará tanto a fala da criança, quanto a fala daquela que, primeiramente, é absorvida pela demanda da criança – a mãe.

Na menina, é importante considerar o efeito que o gênero pode causar em uma mãe que não absorve a castração enquanto simbólica, mas a partir do Real, desembocando no Imaginário com o qual ela se depara. Essa confrontação pode desencadear uma necessidade de estabelecer uma ligação direta do que deve ser uma menina, ou seja, uma igual a ela, mãe, não sendo marcada a diferença sexual. É esperado que, de alguma maneira, a menina, durante seu amadurecimento físico e mental venha a desejar ser igual a sua mãe, período esse em que ela procura vestir-se e comportar-se como a mãe. Todavia, essa demanda quando é invertida, ou seja, quando o grande Outro materno encarna o momento de identificação com sua filha há, nesse caso, um afastamento da diferença necessária entre mãe e filha, configurando, assim, o modelo da reciprocidade.

“Mas é à filha, não sabia Freud, que a mãe reserva um aspecto mais amplo, que é o de retrair o perfil da própria vida como um todo. (...) há uma apropriação narcísica abusiva da mãe em relação a uma menina. Essa

apropriação por parte da mãe na vida de uma filha não deixa de ser um abuso identificatório; a menina sendo colocada pela mãe em um lugar que não é o seu, isto é, destituída de sua própria identidade exatamente por quem supostamente é responsável por ajudar a filha a construí-la” (Zalcborg, 2003, p. 168-169).

A partir dessa manifestação é possível fazer um questionamento: Até quando isso é possível? Provavelmente até quando uma atender à demanda da outra. Ou seja, que a filha ocupe o lugar de objeto *a*. Lacan (1971-72a/1997) considera que esse objeto *a* é o que determina o ser falante quando tomado nos discursos. Entretanto, nada se sabe sobre ele, pois ele se apresenta como indício, não há como prever e determinar o desejo. E é isso que faz com que o sujeito seja singular.

No caso de Helena, esta permanece como objeto *a* até o momento em que ela, através das suas dificuldades escolares, deixa a mãe sem respostas, sem o saber que até esse momento supunha ter sobre ela e a filha. Esse não saber foi um passo necessário para que Letícia abrisse mão de um saber absoluto, pois procura uma analista, que possa lhe oferecer algum saber. Todavia, a analista não oferece saber, mas sim uma escuta que começa a questionar a posição de Helena na vida dessa mãe que desejou ter uma filha para sua companhia.

Acontece que Helena se protege dessa sabedoria através de um sofrimento muito particular, pois ao mesmo tempo em que deseja ter um saber próprio, portanto separada de sua mãe, é aterrorizante para ela supor um Outro somente seu, que não é compartilhado com o grande Outro materno. Isso atravessa grande parte do tratamento, durante o qual Helena permanece alienada, arriscando, por vezes, movimentos de separação. E será somente a partir de uma separação efetiva que a feminilidade de Helena poderá emergir.

Vários pontos da construção do caso são passíveis de serem considerados para uma efetiva direção de tratamento, os quais serão abordados por item. Salienta-se, entretanto, que há algo que perpassa cada movimento que Helena realiza em sua análise, qual seja, absorver aquilo que não lhe oferecem. À Helena é oferecido, principalmente, pelo grande Outro materno o que a cultura chamaria de muito amor, “uma mãe que faz de tudo por sua filha, não existindo mãe igual”. Essa fala escutada, incessantemente, no meio onde ela vive indica que nada faltará a essa filha “tão

amada”. Mas é exatamente esse ponto que transforma-se no eixo do encaminhamento da questão de pesquisa sobre o que pode ser apontado sobre a construção da feminilidade na menina, considerando a relação específica mãe e filha. O que a mãe pode oferecer a sua filha?

#### **4.2 – Um significante: Sua**

Durante estes dois anos de pesquisa todos os textos e, inclusive a versão final traziam um significante, o qual merece ser analisado e pontuado. O mesmo se repete na última frase do item anterior, a saber, o vocábulo ‘sua’. Este passa a representar os momentos em que mãe e filha estavam alienadas uma ao desejo da outra e que no dizer de Letícia, destacavam-se ainda mais, como por exemplo: “A queixa versa sobre as dificuldades de concentração e atenção de Helena acerca de qualquer assunto que não diz respeito ao seu interesse”. Interesse de quem? De Letícia ou de Helena? “Que é ela que tem que fazer seus temas, pois ela própria não sabe”. Quem não sabe?

E mesmo quando Letícia dá um primeiro passo, identificando, que se faz presente em excesso, uma formação inconsciente na analista ocorre em forma de vacilo, apontando para alienação ainda presente: “estava mais do que na hora de deixar de oferecer a Helena cuidados excessivos e pensar no que seria bom para ela”. Neste momento, a mãe demonstra o quanto está envolvida com a filha, mas, de alguma forma já acontece um movimento de que a filha é sua, mas que Helena possui um desejo não igual ao dela, mãe, e sobre o qual Letícia também não possui nenhum domínio.

Este é um ponto que favorece o andamento da análise de Helena, pois a partir da transferência e da suposição que a mãe elabora sobre o saber da analista, a filha pode usufruir do espaço que é seu e onde é possível desenvolver uma questão particular. Podemos pensar que Helena estava em uso daquilo que havia sido transmitido e que por mais que ‘não soubesse’ pertencia a ela. Algo foi dado a Helena, além do excesso de amor, além daquilo que ela demandava, era algo que somente ela poderia ter acesso, pois era algo que sua mãe não tinha mais: uma resposta.

#### **4.3 – Onde está o pai?**

Outro ponto importante refere-se à ausência de fatos clínicos acerca do pai, o qual é citado somente duas vezes: uma quando se fala da concepção e outra quando da explanação do funcionamento do tratamento. Numa pesquisa psicanalítica, essa falta

levanta a idéia de que o pai, enquanto portador da lei, não se fez presente, o que permitiu que ele estivesse somente presente no nome de He – ele – na, mas muito insuficiente como aquele que realiza a função de privar, frustrar e castrar criança e mãe.

A formulação da falta é encarada tanto por Freud como por Lacan como propiciadora do desenvolvimento do psiquismo da criança. Se a falta é propiciadora do desenvolvimento psíquico, é porque causa o desejo. A operação das faltas tardou na vida de Helena, o que dificultou o seu desenvolvimento psíquico e, inclusive, o físico que durante o tratamento evoluiu e tornou-se mais do que suficiente, revelando Helena como uma excelente desenhista, um traço que era perfeito. Esse traço que ocorre quando se coloca a desenhar a bandeira do Brasil, coloca-a numa posição de que algo a atravessa, faz um corte, inicia um processo de separação para fazer um enunciado próprio da sua ordem e de seu progresso no tratamento analítico que não lhe dava respostas, mas deixava com que Helena pudesse encaminhar os possíveis dizeres sobre o que realmente a afligia, sem impor o categórico.

A análise para Helena entra como lei, um espaço onde falta aquilo que mais lhe ofereciam: as respostas, os saberes. Este é um ponto que pode ser salientado para que a menina em análise possa desenvolver uma constituição livre das assombrações que Helena vivia: a da mãe e da irmã que parece se dissolver quando da morte da planta.

#### **4.4 – A morte no lugar da lei: um primeiro passo para a separação**

O tratamento de Helena oferece uma quantidade de fatos clínicos que podem indicar o lugar de onde ela fala e para quem está dizendo. As sessões que tiveram como tema principal a bandeira do Brasil e o plantio do feijão auxiliam na construção de uma possível elaboração.

Como Helena pôde administrar “a ordem e o progresso”, pode ser assim elaborada: “como me ordeno e progrido – ao mesmo tempo?” Ou, ainda, como primeiro me ordeno para depois progredir? A segunda parece mais adequada à questão que aqui se analisa. Primeiro é preciso ordenar e, tomando isso como um significante, ordenar, acertar, organizar, pertencer e, para isso tudo, certa dose de alienação, para num segundo momento poder separar, desordenar, despertencer. E por aí se encontrar, estruturar-se.

Por outro lado, ela planta duas vezes o mesmo feijão – no algodão e na terra – são duas as gestações de sua mãe. A primeira replantada, não morre, nem vive/progride

naquele local, somente germina, ao passo que a segunda morre. Quem morre então? Ela é a segunda filha, será a replantação da irmã? Pois esta pode ter morrido, mas está muito presente, no entanto, a filha viva não pode viver, e se deixa morrer. A forma como aconteceu a falta de cuidado, seguida de morte é o registro de seu inconsciente. É dali que diz não sei progredir sozinha. Precisa de um apoio antes. É necessário estar junto primeiro, alienado para depois separar. Todavia, é necessário que aquele que participa da alienação tenha sido também barrado e marcado pela falta e, desta maneira, Helena desenvolve uma série de possibilidades de seguir o seu tratamento.

O vaso de Helena é solitário, tão solitário que não tem por que se viver ali. Disso não se pode falar nem no tratamento. É necessário que falte algo ao Outro e, por isso, a tentativa de plantar novamente é deixada de lado. Helena indica que sozinha não quer seguir, que há possibilidade de ser diferente, podendo estar no mesmo vaso. E Helena traz a sua verdade, levando em conta que o casal pode ter vários filhos e cada um ser um. Então, permanece uma outra questão: Será que não era ela e a irmã que queria plantar? Dizendo somos duas, germinadas do mesmo vaso – pai e mãe – e cada uma é uma.

Ao mesmo tempo, essa mesma cena da morte da planta aponta para a diferenciação entre ela, a mãe e a irmã, Helenize, que foi perdida deixando um ar de felicidade. E que Helena prefere desistir, apresentando um comportamento inverso ao da irmã, sendo burra e trazendo a infelicidade, porque é claro, ninguém consegue ocupar o lugar de ninguém.

O vacilo na escrita da página cinquenta e dois – “É marcada a diferença, pois todas são plantas, mas nem por isso não iguais (...)” ao invés de escrever “são iguais” – aponta o quão Helena buscava uma separação calcada no Outro, mas um Outro marcado pela diferença. E este desejo ocorre pela vacilação da negação<sup>12</sup>. A morte de um Outro que a estava sufocando, o que a levou a buscar o traço da diferenciação na análise. Talvez aqui ela tenha formulado algo da ordem de sua enunciação, ou seja, que ela mesma quer, dito na primeira pessoa do singular, um “eu quero algo no qual de fato me implico”.

---

<sup>12</sup> Esse vacilo na escrita, portanto da analista, é o instante em que ocorre a abertura do inconsciente. Momento em que a formação do inconsciente surpreende, pois a frase elaborada se desvia, abrindo um buraco no Outro, ou seja, uma dúvida, e a possibilidade de não encontrar a certeza e a resposta, mas um encaminhamento a análise de Helena, qual seja, da separação e provável exercício da sua feminilidade.

Este ponto permite considerar que os fatos clínicos, as cenas ocorridas na sessão analítica favorecem o desdobramento das questões do paciente por diversos caminhos, os quais em algum ponto se cruzam. Assim, o analista dirige o tratamento, no mapa das ruas e avenidas dadas pelos pacientes, há todo um percurso para chegar de um ponto a outro. Para Helena o percurso foi acompanhá-la até o momento e quem se despede, não precisando mais da presença maciça da mãe.

#### **4.5 – A manha de Helena: um tropeço, um outro passo em direção à separação**

Uma outra cena marca o movimento que Freud (1920/1976) descreveu como *fort da*, uma brincadeira da criança para elaborar o processo de separação da mãe. Helena no seu vai-e-vem entre chão, mesa e poltrona está insistentemente realizando essa operação que até o momento vinha direto do Real e ficava como se fosse puro, sem inscrição. Agora, ao contrário, ela estava processando a alienação e a separação, movimento importante na vida de uma criança para que possa vir-a-ser sujeito do seu desejo.

É necessário salientar que esse vai-e-vem ocorreu depois do fato de ela vir a menstruar, acontecimento que relutou um pouco em aceitar. Essas duas cenas (menstruação e vai-e-vem) antecipam uma interrogação de Helena e um passo de progresso no tratamento: “Não sou mais criança, né?”. Diante de tal questão, a analista interroga dizendo: “Não és mais criança e agora Helena?” Ocorre na construção da intervenção da analista a falta de duas vírgulas – “Não és mais criança, e agora, Helena?”, mas a questão realizada faz com que a paciente imediatamente diga: “Sou uma moça”. Cabe frisar como Helena escuta a interrogação da analista, pois agora é Helena, e o que era quando criança? Há uma indicação possível de que Helena sente-se uma moça, com possibilidades de se implicar, colocar-se diante do Outro como alguém que constrói e não como um saco vazio como era na infância, quando criança, período no qual a mãe a sufocava.

Agora, como moça, Helena poderia seguir, fazer uma “série de sessões”, ou seja, cessar, peneirar, interromper a avalanche de saber até então oferecida a ela, Helena, pela mãe. A análise estava propiciando a Helena uma secessão na medida em que era pontuado a alienação dela com o grande Outro materno. O ato analítico era o ato de separar o que estava unido.

Entretanto, Helena tropeça diante desse avanço. A analista está diante de uma resistência, inevitável a qualquer tratamento analítico, a qual aparece através de uma manha e que Helena procura, depois de um período separada, retornar e se conformar. “Há duas etapas numa análise: a primeira, que consiste em recolher tudo o que se pode saber e a segunda, quando se trata de dobrar as resistências que ainda se mantêm perfeitamente e quando o sujeito já sabe muita coisa” (Lacan, 1956-57/1995, p. 104).

Diante da suposição de que a paciente sabia do que se tratava essa manha, a analista avança frente à conformação de Helena, oferecendo a esta mais uma direção que visa ao progresso, ao desejo de ser um sujeito único e não o espelhamento de alguém.

O conformar, deste modo, é tomado em outra direção, pois o seu vai-e-vem durante a “se sessões” havia ocorrido e não dava mais para Helena voltar atrás. Estava sendo escrito o traço de sua marca, durante a análise, o que auxiliou na direção do tratamento, no qual não mais a mãe interferia, apesar de estar como uma outra inscrita nela. Um possível encaminhamento a sua resolutividade inicial do conformar, de assumir e ser a menina que a mãe demandava, no formato determinado. Entretanto, Helena re-encaminha o significante conformar, visto que a forma é uma espécie de recipiente que prende, com o intuito de dar uma forma para não deixar esparramado, de dar uma sustentação, para num momento seguinte construir uma forma própria e particular.

A mãe de Helena, de maneira intensa, ofereceu-lhe essa forma e, no momento da análise, essa filha descobre que essa configuração pode ser reinventada. Isto porque da forma algo pode escapar, algo pode crescer acima das paredes da forma, e pode criar com sua própria forma, pois algo fica fora do emoldurado e esse algo pode ir além. Forma possível e que é secundária ao processo vem depois do que é posto. Eis o significante com seu duplo sentido, pois é o que prende, mas também é o que liberta. A questão não é colocá-lo fora, mas transformá-lo, flexibilizá-lo, criar em cima dele, na análise reinventá-lo. O que vai além da forma é o que pode expandir, crescer ou não expandir e ficar embatumado, ou seja, empedrar, permanecer no único molde da forma.

Helena chega num ponto importante no qual a seguinte questão é possível: enformar ou desenformar? Seguir alienada ou se desalienar/separar? Como formar? Como se formar? Há outra forma possível além daquela suplantada pela mãe? Sim, é a resposta de Helena, mas a forma é necessária, é constituinte, mas como será esse além

da forma? Esse além, é possível dizer, seria a saída para a feminilidade de um sujeito constituído, portanto algo a se reinventar e a se exercer a cada nova composição, nova forma.

#### **4.6 – A análise e a indicação de um caminho possível para a feminilidade de Helena**

Ensaio de menina. Como criança, a menina vem ensaiando ser uma mulher feminina. Ela procura ser uma igual a sua mãe, buscando nela um ideal de ser feminina. Na tentativa de ser igual, ela percebe que é frustrante e de qualquer maneira impossível. Não há um modelo, não há como se conformar como fala Helena, que reverte seu dito no passo seguinte da análise.

Há como formar outra escolha, outro jeito, até quem sabe semelhante, mas uma igual não há. Helena busca na mãe, que não é somente sua, o que ela não pode lhe dar, pois Letícia não tem todo o saber sobre o que é uma mulher. Letícia agora também supõe que há uma mulher com o dom que lhe é característico, mas este não é o mesmo para a sua filha, a feminilidade não é reprodutiva, uma fabricação em série, o que leva um longo período para mãe e filha absorverem. Helena, então, ao brigar com o mundo, briga para ter um dom que gostaria que fosse igual ao de sua mãe. Todavia, as brigas através de sua suposta burrice fazem com que ela se transforme em uma moça com interrogações; mais nada precisando explicar. A partir disso é possível que a feminilidade possa surgir, pois na medida em que estiver pensando nela incessantemente, ela não virá, pois a feminilidade brota no sujeito que se deixa levar pelo caminho por ele escolhido.

Durante esse ensaio em que peças vão sendo trocadas, novas formas vão se construindo para Helena, ela se defronta com esse vazio, esse abandono de não haver um conjunto formatado para a sua feminilidade. Isto porque cada mulher localiza no corpo do outro algo que sai do Outro, e isso é enigmático. O que interessa ao outro é sempre enigmático. Enigmático a ponto de ter várias ou nenhuma resposta, pois uma borda é escrita no corpo recortando assim o objeto causa de desejo, o objeto *a*, do qual nada se sabe, mas se supõe. Assim é possível apontar que o corpo na ressurgência é uma das formas de o grande Outro se apresentar e indicar a separação dos corpos até então alienados.

Visto que a ressurgência é um momento de revelações acerca do próprio sujeito, em que tudo está sendo novamente formulado a mulher apresenta uma particularidade relativa a sua própria constituição, pois é nesse instante que ela procura ultrapassar as determinações maternas e esta somente é possível em virtude da sua constituição psíquica feminina que está sendo construída. Ou seja, o fato de Helena estar dando um passo para a separação indica que ela é marcada pela lei fálica, aquela que possibilita a inscrição simbólica, possível de ser metaforizada. E mais, está também ligada ao Real, ou seja, àquilo que não pode ser dito e por isso feminino, pois não se pode dizer o que ele é, mas apontar como ele se apresenta. Desta maneira, a mulher circula num eterno vai-e-vem com sua feminilidade, tornando-a um enigma, inclusive para ela. Há, então, uma constante troca para que a feminilidade vingue.

Nesse sentido é possível compreender quando Lacan (1956-57/1995) afirma que a mulher é objeto de troca. Entenda-se que a mulher não é o objeto objetivável, de uso, ela não é manipulável, mas ela produz a cada instante uma nova forma de se apresentar feminina, troca de objeto para fazer-se misteriosa e enigmática. É nesse sentido que o gozo feminino é Outro que não somente o gozo fálico, pois daquele nada se sabe, não se pode nomear, dizer.

É por esse caminho que se fala que no homem, supostamente, tudo já estaria enunciado, ao passo que a mulher está sempre a se dizer. Ambos são sujeito da enunciação, entretanto ela é o sujeito da enunciação no sentido de estar sempre a enunciar algo de novo e surpreendente, à medida que ele possui algo que, a princípio, seria definitivo e pronto.

Helena enuncia o seu desejo quando ressurge e se vê convocada pelo sujeito que nela habita, um sujeito que é para além da mãe, quer dizer, passa pela mãe, mas não é Letícia. É Helena, uma moça. Retorna-se. Helena diz Uma moça e não A moça. Nesse instante, está iniciando o exercício da feminilidade. Uma mulher exerce a feminilidade quando não procura a resolutividade, pois para a feminilidade ser exercida há de haver um enigma frente ao qual o que se encontra são sempre respostas não possíveis, mas inesperadas e surpreendentes.

O enigma feminino, desta forma, não se propõe a revelar-se, assim como Édipo fez com a esfinge. Decifrar o enigma é estar do lado masculino, o qual supõe que o soluciona, que é sujeito resolvido, assim como Édipo faz ao decifrar o enigma que a esfinge lhe coloca. Na mulher, no lado feminino, esse enigma é mutável. Para cada

uma existe um, o qual também pode passar por metamorfoses. Helena, durante sua análise percorre o caminho para separar-se, o que indica a possibilidade para construir a sua feminilidade que parece ter sido roubada na infância pela necessidade dela e de sua mãe atenderem a uma demanda errante.

#### **4.7 – A autorização**

Uma menina que chega à análise, assim como Helena, deixa na dúvida o quanto é possível um certo progresso pelo aspecto alienante que toma conta desse sujeito. Entretanto, a passos pequenos, foi possível com Helena, dirigi-la pelos caminhos que escolhia para andar. Dirigi-la não era comandá-la, pois assim fazia sua mãe. Mas, permitir que ela escolhesse o que desejava e enunciar a sua necessidade de dizer algo. E ela pôde dar mais um passo quando, ao entrar no consultório, diz que vem para falar. É isso que importa, Helena se autoriza a estar ali para dela emanarem as paixões, para se livrar daquilo por que ela se deixava ser tomada.

“Vim para falar” valida a possibilidade de uma menina na ressurgência construir a feminilidade, pois se Helena continuasse alienada, não seria possível a indicação da feminilidade. Essa, em Helena, será um efeito do que foi possível alcançar no tratamento, o que seja, a instalação da diferença, o encontro com os efeitos da operação da castração do Outro materno.

#### **4.8 – Considerações: a menina, a mulher e o enigma da feminilidade na clínica psicanalítica**

Esta pesquisa investigou a construção da feminilidade na menina, considerando a relação específica mãe e filha, a qual, como já apontada na revisão da literatura, sofre um impacto diferenciado devido à demanda de amor que ambas fazem. A mãe, por deparar-se com uma semelhante a ela; e a menina, por achar-se desprovida do amor da mãe. Uma suposição que leva ao fracasso da feminilidade, e antes desta, da própria constituição psíquica.

Desta forma, antes de o enigma da feminilidade ser trabalhado na clínica psicanalítica, é imprescindível que as questões referentes à interdição e à inclusão de um terceiro ocorram, assim como na situação de Helena, na qual o pai e o namorado parecem ter sido peças que não foram suficientes. Entretanto, a análise veio propiciar

um vigor a Helena para que, a partir de uma diferenciação, pudesse tomar partido dessa lei, ao mesmo tempo em que está fora dela.

A relação mãe e filha, na clínica psicanalítica, desta forma, não leva em conta a realidade de uma relação que, aparentemente parece cheia de amor, e, principalmente, que seja uma relação recíproca, uma relação de objeto. Nesta, fica-se preso ao que a mãe tem a oferecer, mas essa mãe há de oferecer à filha, justamente o que não tem, o que lhe falta para que a filha possa supor uma resposta para aquilo que lhe falta e, assim, seguir o caminho do seu desejo. Trata-se, desta forma, de a feminilidade ser construída passo a passo e, especialmente, nas ressurgências que ocorrem na vida de uma mulher. Isto vem a contrapor as afirmações de Horney (1967) de que a menina no primeiro e no segundo ano de vida exibiam características femininas. Essas eram maneiras de imitar a mãe, como Helena também fazia, mas essa exibição é somente um dos passos para a construção da feminilidade e não a condição.

É possível, desta maneira, apontar que a análise de uma menina na ressurgência, com dificuldade de separação, propicia que ela tome conta do seu desejo. A partir disso é que a reinvenção e o exercício da feminilidade pode ocorrer. Sendo assim, a feminilidade não se desenvolve na clínica psicanalítica, mas a partir e fora dela, assim como Helena que inicia o exercício de sua feminilidade a partir do momento da separação, quando, na própria análise, produz uma fala, um dito – “Ficarei aqui até os 15 anos” – que abandona.

Helena renuncia à intensa demanda de amor, criando um segredo, um enigma que cabe a ela desvendar a cada momento da sua ressurgência adolescente e mais, durante as ressurgências futuras, como mulher feminina. Desta forma, nascer menina, nascer mulher, não é condição *sine qua non* para desenvolver a feminilidade. Esta advém com o tempo, por isso, a mulher pode, diante das situações inusitadas da vida, tornar-se feminina.

A clínica psicanalítica pode, então, a princípio, apontar o enigma, mas revelá-lo é algo que traria de volta o fantasma materno do saber. O analista deve antes de tudo ser apenas suposição de saber e não o saber. “É aquele que, ao pôr o objeto *a* no lugar do semblante, está na posição mais conveniente para fazer o que é justo fazer, a saber, interrogar como saber o que é da verdade” (Lacan, 1972-73/1985, p. 129). Ou seja, o analista deve ser o suporte para a imensidão de questionamentos que a mulher feminina

se faz. O analista, assim, oferece à paciente o que ela não tem e foi com isso que Helena se ordenou e progrediu como única e, portanto, universal.

A operação analítica, portanto, ocorre diante da experiência de fala do paciente, a partir da qual os equívocos são trabalhados oportunizando que se escreva uma borda para que a função simbólica possa ser inscrita do lado do analisante. Para tanto, o analista ocupa um lugar de apontar a falha da fala, o significante que surge em forma de lapso e a partir do qual o sujeito continua pondo em palavras o que foi recortado e escrito, ao passo que o que ficou fora da borda, que faz parte do registro do Real, não cessa de não se escrever. A feminilidade, desta forma, advém daquilo que não cessa de não se escrever, ou seja, o enigma de uma mulher.

#### **4.9 – Algumas palavras para o término**

Realizar uma pesquisa é um desafio, especialmente quando se trata de uma pesquisa psicanalítica, a qual requer que o pesquisador se entregue de corpo e alma aquilo que advém como formação inconsciente. São inúmeras idéias que ocorrem durante uma investigação como essa, exigindo formulações acerca de cada representação mental que surge, mas de maneira alguma, reclamando por respostas categóricas e generalizadoras.

Um ponto, um corte, desta forma faz-se necessário para a interrupção de uma pesquisa específica sobre a construção da feminilidade na menina, considerando a relação específica mãe e filha, a qual não teve a pretensão de abarcar todos os dizeres sobre a feminilidade, mas de recortar uma situação particular e produzir os devidos encaminhamentos, levando em conta o caso construído. Estes podem, assim, ser destacados:

- A menina é para sua mãe uma representante da falta nesta presente.
- A mãe para a menina pode se apresentar como uma mulher feminina, mas não como a mulher, pois esta representa a feminilidade, assim como a histérica faz, negando o feminino.
- Mãe e filha são uma da outra (suas) até que a segunda necessite de um espaço, de um intervalo para assumir o que é seu. Para tanto, a intervenção paterna deve ser exercida pelo terceiro, interrompendo a alienação, oportunizando o surgimento de um sujeito e a possibilidade da reinvenção e exercício da feminilidade.

- ✦ O movimento de vai-e-vem deve ser experienciado, como um ensaio que a menina na ressurgência realiza para assumir sua posição diante do que é escrito e inscrito, do que está dentro e fora da borda escrita.
- ✦ Para estar dentro e fora, para ser uma mulher sensível e vigorosa, é preciso autorizar-se para reinventar e exercer a sua feminilidade; entretanto, é preciso, antes, o ato da separação.
- ✦ Ao que diz respeito ao analista este diante de cada caso deve reinventar o exercício analítico da mesma forma que a mulher reinventa a sua feminilidade. O analista e a mulher, da mesma maneira, realizam um processo de apropriação e autoria daquilo que cabe a cada um: o primeiro ser analista e a segunda ser uma mulher feminina, o que caracteriza a passagem pela *Erfahrung*.

## REFERÊNCIAS

- Assis, M. (2003). Helena (Texto integral). São Paulo: Martin Claret. (Originalmente publicado em 1876)
- Barth, L. F. (2003). As relações entre o estágio do espelho e o transtorno específico do desenvolvimento da função motora em crianças: uma construção metapsicológica de caso. Dissertação de Mestrado Não-publicada. Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Bèrges, J., Balbo, G. (2003). Há um infantil da psicose? (Conceição Beltrão Fleig e Maria Nestrovsky Folberg, Trad.) Porto Alegre:CMC.
- Caon, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. Psicologia, Reflexão e Crítica, 7, 145-174.
- Caon, J. L. (1997). Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de paciente. Psicologia, Reflexão e Crítica, 10 (1), 105-123.
- Caper, R. (1996). O que é um fato clínico. Em The British Psycho-Analytical Society (Org.). X Livro anual de psicanálise. (pp. 11-21). São Paulo: Escuta.
- Conté, C. (1995). O real e o sexual: de Freud a Lacan. (Vera Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Dor, J. (1989). Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. (Carlos Eduardo Reis, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fédida, P. (1992). A construção do caso. (Martha Gambini e Claudia Berliner, Trad.) Em Nome, figura e memória. A linguagem na situação psicanalítica. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1990). Um caso de cura pelo hipnotismo. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. I, pp. 173-191). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1892-93)
- Freud, S. (1995). Estudos sobre a histeria. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. II, pp. 11-202). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1893-95)
- Freud, S. (1994). A etiologia da histeria. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. III, pp. 185-215). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1896c)

- Freud, S. (1994). A sexualidade na etiologia das neuroses. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. III, pp. 247-270). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1898a)
- Freud, S. (1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. XII, pp. 117-230). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905d)
- Freud, S. (1989). Fragmento da análise de um caso de histeria. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. VII, pp. 11-115). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905e)
- Freud, S. (1976). Sobre as teorias sexuais das crianças. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. IX, pp. 209-228). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908c)
- Freud, S. (1976). Conferências introdutórias sobre a psicanálise. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. XVI, pp. 305-322). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1917)
- Freud, S. (1976). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. 19, pp. 175-184). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923e)
- Freud, S. (1976). A dissolução do complexo de Édipo. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. XIX, pp. 213-224). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924d)
- Freud, S. (1976). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. XIX, pp. 301-320). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925j)
- Freud, S. (1974). Sexualidade feminina. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. XXI, pp. 255-279). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1931b)
- Freud, S. (1994). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. XXII, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933a)

- Gianlupi, A. G. F. (2003). Tornar-se mãe: a maternidade da gestação ao primeiro ano de vida. Tese de Doutorado Não-publicada. Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é Pesquisa Psicanalítica? Ágora VI(1), 115-138.
- Horney, K. (1967). *Feminine Psychology*. New York: W.W. Norton
- Houaiss, A. (2001). Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Objetiva.
- Lacan, J. (1982). Lê symblique, L'imaginaire et lê réel. Bulletin de Association Freudienne 1. (Originalmente publicado em 1953)
- Lacan, J. (1988). As psicoses. (Aluísio Pereira Menezes, Trad.). O seminário. (Livro 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1995). A relação de objeto. (Dulce Duque Estrada, Trad.). O seminário. (Livro 4). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (1999). As formações do inconsciente. (Vera Ribeiro, Trad.) Em J-A Miller (Org.). O seminário. (Livro 5). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1957-58)
- Lacan, J. (1998). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. (MD Magno, Trad.) Em J-A Miller (Org.). O seminário. (Livro 11). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1964)
- Lacan, J. (1998). Escritos. (Vera Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1966)
- Lacan, J. (1997). O saber do psicanalista (Ana Izabel Corrêa; Letícia Fonseca; Nanette Zmery Frej, Trad.). O seminário. (Livro 19). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Originalmente publicado em 1971-1972a)
- Lacan, J. (2003). ...Ou pior. (Maria Auxiliadora Mascarenhas Fernandes, Coord. Trad.) O seminário. (Livro 19). Salvador, Bahia: Espaço Moebius Psicanálise. (Originalmente publicado em 1971-1972b)
- Lacan, J. (1985). Mais ainda. (M. D. Magno, Trad.). O seminário. (Livro 20). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1972-1973)
- Laplanche, J. (1992). Vocabulário de psicanálise. (Pedro Tamen, Trad.) São Paulo: Martins Fontes

- Laurent, E. (1997). Alienação e Separação I. Em Richard Feldstein, Bruce Fink, Maire Jaanus (orgs.), Para ler o seminário 11 de Lacan. (Dulce Duque Estrada, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Laurent, E. (1997). Alienação e Separação II. Em Richard Feldstein, Bruce Fink, Maire Jaanus (orgs.), Para ler o seminário 11 de Lacan. (Dulce Duque Estrada, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Melman, C. (1985). O que quer uma mulher? Em A. M. Souza & Y. Swirski (Orgs.), Ensino Lacaniano Coletânea. (pp. 59-69). Porto Alegre.
- Moura, A. & Nikos, I. (2001). Estudo de caso, construção do caso e ensaio metapsicológico: da clínica psicanalítica à pesquisa psicanalítica. Pulsional Revista de Psicanálise 140, 69-76.
- Nasio, J. D. (1993). Cinco Lições sobre a teoria de Jacques Lacan. (Vera Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- O'Shaughnessy, E. (1996). O que é um fato clínico? Em The British Psycho-Analytical Society. (Org.), X Livro anual de psicanálise. (pp. 23-32). São Paulo: Escuta.
- Pommier, G. (1987). A exceção feminina: os impasses do gozo. (Dulce Duque Estrada, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Quinodoz, J.-M. (1996). Fatos clínicos ou fatos clínicos psicanalíticos? Em The British Psycho-Analytical Society. (Org.). X Livro anual de psicanálise. (pp. 49-63). São Paulo: Escuta.
- Quintana, M. (1999). Antologia Poética. Porto Alegre: L&PM
- Silveira, V. F. (2003). Os sons de Nicole: ensaio metapsicológico sobre a modulação da voz na situação psicanalítica de tratamento através da operação do transitivismo. Dissertação de Mestrado Não-publicada. Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Winnicott, D. W. (1975). O brincar & a realidade. (José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1999). Os bebês e suas mães. (Jefferson Luiz Camargo, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Zalberg, M. (2003). A relação mãe e filha. Rio de Janeiro: Elsevier.